



UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

NATALIA RUGGIERO COLOMBO

Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

**MARIO BENEDETTI E AS FRONTEIRAS (IN)VISÍVEIS:
A IMPOSIÇÃO DOS LIMITES NA TRAJETÓRIA DOS ROMANCES DO
AUTOR**

CAMPINAS,
2009

Natalia Ruggiero Colombo

**MARIO BENEDETTI E AS FRONTEIRAS (IN)VISÍVEIS:
A IMPOSIÇÃO DOS LIMITES NA TRAJETÓRIA DOS ROMANCES DO AUTOR**

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

CAMPINAS

2009

Dedico esta monografia à minha irmã Maira, que foi fundamental para a escolha de minha profissão e para que hoje eu conquistasse este diploma. A ela, que durante anos segurou minha mão para que eu nunca caísse e hoje é um anjo que me protege e observa para que eu siga meu caminho com meus próprios pés.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Francisco Foot Hardman, pela importância que desempenhou em minha graduação e por tornar possível o desenvolvimento deste trabalho e o crescimento de nossa admiração por Mario Benedetti.

Aos meus pais e irmãs, pelo amor que as palavras não podem expressar, pelos exemplos e por desde cedo incitarem em mim o gosto pela literatura. Por todos os conhecimentos sobre pesquisa que me transmitiram e pelo dia em que viajamos juntos à Montevideu, ocasião em que as fronteiras entre Benedetti e eu foram definitivamente desfeitas.

À Agda e Thaís, por ser minha família longe de casa.

Ao Vinícius, por tornar estes últimos anos de faculdade tão especiais e por sempre encorajar-me a acreditar no meu potencial.

Aos meus amigos de Rio Preto pelas amizades mais verdadeiras e por terem compartilhado comigo todos os anos de colégio e a alegria de passar no vestibular.

Aos meus amigos de Campinas pelo carinho imenso, por me ensinarem tanta coisa e pela ajuda direta e indireta na produção deste texto.

RESUMO

O presente trabalho leva em consideração a idéia de que é possível observar no conjunto da obra do uruguaio Mario Benedetti dois momentos de temáticas distintas e, a partir disso, se propõe a analisar os romances *La Trégua* (1960), do primeiro momento, e *Primavera com una esquina rota* (1982), *La borra del café* (1992) e *Andamios* (1996), do segundo. Esta análise defende a idéia de que, em ambos, os personagens estão fatalmente submetidos a uma condição de não-liberdade tanto física quanto emocional, apesar da diferença entre as situações retratadas em cada momento – a monótona rotina cotidiana do próprio país, no primeiro, e a condição da vida no exílio e suas conseqüências, no segundo.

Palavras-chave: Literatura hispano-americana, Literatura Uruguaia, Mario Benedetti

ABSTRACT

This study supports the idea that it is possible to observe two stages in the work of the Uruguayan Mario Benedetti. Each of these stages approaches a different theme. The current work analyzes the novels *La Trégua* (1960), from the first stage, and *Primavera com una esquina rota* (1982), *La borra del café* (1992) and *Andamios* (1996), from the second stage. This analysis supports the idea that, in both stages, characters are fatally submitted to a condition of physical and emotional imprisonment. This is a common factor of the two stages, despite the different situations portrayed on each one of them – the monotonous daily routine of the country, in the first stage, and the life conditions during exile and their consequences, in the second stage

Key-words: Latin-American Literature, Uruguayan Literature, Mario Benedetti.

SUMÁRIO

1. Introdução	08
2. Objetivos	09
3. Justificativa	09
4. Benedetti: vida e obra	10
4.1 A Biografia de Benedetti e o peso que ela pode adquirir na interpretação de suas obras.	10
4.2. Produções literárias: dois momentos em Benedetti.....	13
5.0 El país de la cola de paja	15
6.0 Os limites da rotina em “La tregua”	17
7.0 “Primavera con una esquina rota” e o paradoxo das fronteiras	19
8.0 O pertencimento e a identidade em “La borra del café”	22
9.0 A reconstrução do país e da alma em “Andamios”	24
10. Considerações finais	32
10.1 Constantes em sua obra.....	32
10.2 Pensando uma nova divisão dos momentos propostos pela crítica.....	36
11.0 Referências Bibliográficas	38
12.0. Apêndice	40

Mario Benedetti e as fronteiras invisíveis: a imposição dos limites na trajetória dos romances do autor

“Mario Benedetti está a viver horas más. Pensamos na Fundação que podíamos dar a ler os seus poemas por todo o mundo e, assim, ajudá-lo neste momento.

Um poema, se não tiverem nenhum à mão. E se o quiserem passar a outros amigos. Construíamos um universo Benedetti para ele, que tantos momentos soube levantar em nós.

Obrigado Mario, pela tua sensibilidade derramada. Estamos a acompanhar-te em todo o mundo”¹.

José Saramago

INTRODUÇÃO

O realismo mágico, presente na maioria das produções hispano-americanas dos anos 60, um dos traços responsáveis pelo boom da literatura latino-americana em uma época em que, segundo Antonio Candido “a ficção europeia estava um pouco cansada”², não tardou em também conquistar o gosto do leitor brasileiro. Escritores que, nessa época, se tornaram moda no mundo e são também por nós muito bem conhecidos como Jorge Luis Borges, Mario Vargas Llosa, Gabriel García Marquez, Aldolfo Bioy Casares, Julio Cortázar e Isabel Allende, possuem hoje índices relativamente altos de vendagem nas livrarias, figuram em uma parte significativa dos estudos sobre literatura em língua espanhola realizados no Brasil e, vez por outra, são incluídos nos currículos mais elaborados de escolas de primeiro e segundo grau.

Parece que, de uns anos para cá, a língua que nos separa de nossos vizinhos não mais representa um obstáculo para o acesso às obras produzidas aqui ao lado. Com o estabelecimento do Mercosul e o aumento do interesse pelo estudo da língua espanhola, a América Latina está, cada vez mais, realizando um intercâmbio entre suas culturas. Além da instalação das grandes editoras espanholas Planeta e Alfaguara no Brasil, muitas editoras brasileiras estão fazendo da literatura hispano-americana uma aposta existindo, assim, a tendência de serem encontradas cada vez mais edições traduzidas de obras, para nós inéditas, do cenário literário hispano-americano, nas prateleiras de nossas livrarias.

O crescimento dessas obras nos catálogos fará com que, mais cedo ou mais tarde, os leitores percebam que a literatura hispano-americana não se restringe ao realismo mágico e a “medalhões” como Mario Vargas Llosa e Jorge Luis Borges. A lista de autores imperdíveis continua finita e, dentre eles, como será mostrado, é certo que figura o nome do uruguaio Mario Benedetti.

¹ In: Blog da Fundação José Saramago. Disponível em: <http://blog.josesaramago.org/especiales/benedetti/>

² COUTO, José Geraldo. *Antonio Candido fala sobre suas obras e a relação com outros escritores*. In: Folha de São Paulo, Ilustrada, 28/05/2002.

OBJETIVOS

Este trabalho pretende, primeiramente, defender um argumento consistente que justifique a afirmação de que Mario Benedetti é um dos grandes nomes no cenário literário latino-americano e ainda pouquíssimo lido, traduzido e estudado em nosso país, utilizando o recurso de fazer uma apresentação geral da vida e trajetória de produção de suas obras. Feitas as devidas apresentações se propõe a partir para a análise literária de características da obra do uruguaio em si, de maneira que este trabalho também se constitua, ele próprio, um objeto de abertura deste espaço de estudos e recepção do autor no Brasil.

A análise literária a que este trabalho se propõe, primeiramente explicita a existência da idéia (sustentada pela crítica) de que é possível observar, no conjunto da obra do uruguaio, dois momentos de temáticas distintas – o chamado período *oficinesco* e o período voltado para as questões do exílio/*desexílio*. A partir disto, se desdobra sobre a análise de quatro romances de épocas distintas, na qual busca defender a tese de que (ao menos nestes romances) os personagens benedettianos estão sempre fatalmente submetidos a uma condição de não-liberdade, tanto física quanto emocional, independentemente do momento em que a crítica insere a obra. Os romances aqui analisados são: *La Tregua* (1960), *Primavera com uma esquina rota* (1982), *La borra del café* (1992) e *Andamios* (1996) e foram escolhidos por sua distância cronológica; por conterem, cada um deles, determinado diferencial temático em relação ao outro; e também de forma a constituir um conjunto representativo de ambos os momentos temáticos citados pela crítica e também da trajetória dos romances do autor.

JUSTIFICATIVA

A justificativa para a existência deste trabalho, parte do pressuposto de que o autor uruguaio, ao contrário do que ocorre em muitos países de fala hispânica, como México, Argentina, Espanha e Uruguai, ainda é muito pouco conhecido, lido e estudado no Brasil. Tal nível de admiração e conhecimento do autor nestes países está representado de diversas formas: pelos altos números de vendagem e de edições traduzidas a outros idiomas, pelos vários prêmios por ele recebidos ao longo de toda sua carreira literária e pela dedicação de amizade e/ou admiração por parte de grandes nomes da literatura como, por exemplo, Eduardo Galeano, Nicanor Parra e José Saramago que inclusive registraram tal relação em versos na ocasião da morte do escritor. Enquanto isso, no Brasil há um espaço relativamente pequeno para a recepção de Benedetti, já que encontramos um número muito menor em termos de vendagens, reportagens e estudos dedicados ao autor, no que diz respeito comparativamente tanto em relação aos números encontrados nos países já citados, quanto em

relação à recepção de outros escritores latino-americanos em nosso país³.

Compreende-se, portanto, a partir desta informação, a pertinência de um trabalho que desempenhasse a função de mediador e fizesse as apresentações formais do escritor ao Brasil e, feitas as devidas apresentações, partisse para o estudo de certos aspectos de sua obra, contribuindo, dessa maneira, à idéia inicial de torná-lo mais conhecido e estudado em nosso país. Além disso, atende à proposta de defender um argumento consistente que justifique a afirmação de que Mario Benedetti é um nome que não pode faltar na lista de autores latino-americanos imperdíveis, usando, para isso, seus textos como ferramenta.

BENEDETTI: VIDA E OBRA

A Biografia de Benedetti e o peso que ela pode adquirir na interpretação de suas obras

“Se alguns de tais episódios são ‘autobiográficos a texto expresso’, é porque também eu sou (ou fui) uma personagem no exílio e dessa forma posso narrar desde dentro experiências vividas nessa emigração forçada e frustrante (Alfaro 1986,152)”⁴

Ao lançar um olhar sobre o enredo de suas obras em geral, não é necessário ser o leitor mais atento para notar que os personagens de Benedetti, ou até mesmo seus cenários, não raramente, possuem alguma característica em comum com o autor no que diz respeito à sua biografia. Eles podem, por exemplo, fazer parte da classe média, empregada pública, montevideana ou ter passado por alguma experiência que foi marcante também para o autor, como o exílio ou a volta à liberdade.

Diante deste fato, porém, todas as análises feitas neste trabalho, são ancoradas na idéia de que isso não significa que suas obras devam ser interpretadas necessariamente tendo em pauta sua biografia e, tampouco, que devemos tomá-las indiscriminadamente como obras autobiográficas (apesar de alguns poemas o serem, como afirma o próprio autor). Por outro lado acredita que é inegável que os dados biográficos possuem uma relevância no processo de interpretação de suas obras, já que revelam o momento histórico e o contexto social em que elas se inserem. Além disso, leva em conta o fato de que nos próprios textos do autor existem elementos que sugerem por si mesmos seu grau de (não) ficcionalidade e, sendo assim, busca nas palavras contidas nas próprias obras para justificar o grau de relevância que a biografia terá nas análises aqui realizadas.

A questão sobre o teor autobiográfico na sua produção, como não poderia deixar de ser, sempre foi uma polêmica para aqueles que além de conhecerem as histórias de seus personagens,

³ Como apêndice deste trabalho há um pequeno levantamento sobre a divulgação sobre o autor e/ou suas obras na imprensa brasileira.

⁴ VOLPE, M.L. *O Jogo da memória e o esquecimento nas geografias do exílio*. In: Contracorriente Vol. 3, No. 2, Invierno 2006, p38.

também conhecem a história de sua vida. Era freqüente que, nas muitas entrevistas que concedia, o autor se visse diante de perguntas sobre essa questão, às quais costumava responder demonstrando que a realidade sempre possuiu um papel importante em seu processo de produção: “La mayor influencia que tienen mis textos y los de gran parte de la literatura latinoamericana es la realidad misma”⁵

Como dito anteriormente, a própria estrutura de alguns de seus romances instiga a pensar na vinculação existente entre biografia e obra Benedettiana. Em “Primavera con una esquina rota”, por exemplo, entre os capítulos que trazem depoimentos dos próprios personagens, figuram outros, intitulados “Exílios”, que são claramente depoimentos do próprio autor, que já na primeira vez em que se insere entre os demais capítulos se identifica alterando a letra do texto para cursiva e colocando-o entre aspas. Já em “La borra del café”, a troca repentina da narração em terceira pessoa para a narração em primeira pessoa, aliada ao fato de que os cenários da história do personagem Claudio, são os mesmos da infância e adolescência do próprio autor, também sugerem que a linha entre o autobiográfico e a ficção em Benedetti é muito tênue, apesar de ela existir claramente.

Mario Orlando Hamlet Hardy Brenno Benedetti nasceu no dia 14 de Setembro de 1920, em Paso de los Toros, pequena cidade localizada no departamento de Tacuarembó, República Oriental do Uruguai. Em 1924, aos quatro anos, Benedetti chega a Montevidéu, cidade que constituirá um importante foco em sua literatura. Com oito anos inicia seus estudos primários no rígido Colégio Alemão da cidade em que, segundo o próprio autor “o saber entrava através do sangue”⁶, colégio este no qual consolida sua sólida base cultural. Porém, anos mais tarde, realiza seus estudos secundários de maneira irregular, já que necessita trabalhar devido às dificuldades financeiras da família, fato que lhe concedeu o contato com o ambiente dos escritórios burocráticos de Montevidéu, ambiente este que também se torna um tema marcante em suas obras.

Em 1938 o autor sai de seu país natal pela primeira vez e se traslada à Buenos Aires, onde trabalha por três anos como taquígrafo. Em 1945, retorna a Montevidéu e então com vinte e cinco anos, escreve seu primeiro livro a ser publicado, constituído por poemas e intitulado “La Víspera Indeleble”. Este ano de 1945 é marcado por uma intensa atividade cultural no Uruguai, surgindo assim a chamada “Generación del 45”, ou “Generación Crítica”, questionadora dos mitos da cultura uruguaia, bem como das questões que envolviam o entorno nacional e suas vinculações com outras culturas, da qual participaram também intelectuais como o crítico Ángel Rama e o escritor Juan Carlos Onetti. Um ano depois Benedetti se casa com Luz Lopéz Alegre, com quem viveu até 2005,

⁵ VOLPE, M. L. *Mario Benedetti: um intelectual latino-americano*. In: VIII Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), 2002, Belo Horizonte. Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada). Belo Horizonte : UFMG/ABRALIC, 2002. v. 1. p. 1-10.

⁶ Segundo declaração feita pela estudiosa Miriam L. Volpe, em entrevista à Globonews (Maio, 2009)

ano da morte da esposa, e a quem dedicou alguns de seus poemas.

Nos anos 40 o Uruguai vive um período de democracia estável, bom nível cultural e exército pacífico e, é neste contexto que, no final da década, o autor renuncia ao emprego público para tornar-se diretor da revista literária “Marginalia” e co-diretor da revista “Numero”. Em 1953 Benedetti publica sua primeira novela e em 1954 se incorpora à revista “Marcha”, principal veículo de atuação dos intelectuais da Geração de 45.

Em 1956, viaja pela primeira vez à Europa, onde trabalha como correspondente em jornais e adquire um novo ponto de vista sobre seu país. No mesmo ano volta ao Uruguai, onde suas obras já eram consideradas Best-Sellers. 1959 foi um ano marcante devido à Revolução Cubana, que é considerada por muitos o maior acontecimento do século XX na América Latina. Este acontecimento, juntamente com a primeira viagem de Benedetti aos Estados Unidos, no mesmo ano, amadureceu o amor do autor pela América Latina e sua aversão aos Estados Unidos.

No ano de 1965 a 1968 o Uruguai vive sua crise econômica e começa a tomar consciência das dimensões de seus problemas, algo que também figura nas obras de Benedetti. A morte de Che Guevara, em 67 também é um acontecimento marcante para o autor que demonstra seu profundo abalo no poema “Consternados, rabiosos”, publicado no mesmo ano em que Jorge Pacheco Areco assume um governo repressor no Uruguai.

Em 1968 o autor aprofunda suas relações com Cuba tornando-se membro do Conselho de Direção da “Casa de las Américas”, centro de investigações literárias das Américas. Na década de 70 há um agravamento nos conflitos sociais do Uruguai, onde a Frente Ampla, com a qual compactua Benedetti, atua ativamente. Em 1971, o autor é nomeado diretor da Faculdade de Humanidades e Ciências de Montevideo, cargo que renuncia em 1973, quando o então Presidente Bordaberry instaura o governo cívico-militar no país. Neste ano então, Benedetti inicia o período de 12 anos que viveu no exílio, no qual continuou escrevendo, tendo vivido primeiramente na Argentina e Peru e, por fim, a maior parte do exílio em Cuba onde trabalhou na “Casa de las Américas” como assessor literário. Em 1984 volta ao seu país de origem.

Nos últimos anos de sua vida Benedetti se dividiu entre suas duas residências, uma em Montevideo e outra em Madrid, dependendo da época do ano, como estratégia para diminuir os sintomas da asma. Seguiu dando entrevistas e escrevendo, principalmente haikais, gênero que havia descoberto recentemente e, a pesar da saúde frágil, estava trabalhando em um novo livro de poemas que se chamaria “Testigo de uno mismo”. Depois da morte de sua esposa Luz López Alegre, o autor foi se enfraquecendo física e emocionalmente e chegou a afirmar que era por meio da escritura que enfrentava a melancolia da vida. Segundo a biógrafa Hortênsia Campanella “tanto em su obra como en su trayectoria vital, el signo de la vida de Benedetti es la coherencia. Y una

imagen: su sonrisa cálida y generosa”⁷. A generosidade e a bondade, que pelo visto eram percebidas por todos que o conheciam, foi citada por Eduardo Galeano após o dia 17 de Maio de 2009, data da morte do escritor que aos 88 anos trabalhava em um novo livro de poemas que se chamaria “Biografía para encontrarme”: *El dolor se dice callando/Pero me pregunto:/¿qué será de nuestra ciudad, sola de él?/¿qué será de Montevideo, mutilada de él?/Y me pregunto:/¿qué será de nosotros, sin su bondad inexplicable.*

Produções literárias: dois momentos em Benedetti

O autor se dedicou a uma grande variedade de gêneros e possui por volta de 70 livros publicados, dentre eles poesias, contos, romances, ensaios, crítica literária, textos dramáticos e até letras de músicas. No ano de 1958, depois de haver publicado os livros de poemas “La víspera Indeleble” (1945) e “Poemas de la Oficina (1956)”, o romance “Quien de nosotros”(1953) e a obra teatral “El Reportaje” (1957), converteu-se em um dos escritores uruguaios mais vendidos e bem vistos pelos críticos. O que afirma José Emilio Pacheco, no prólogo a “Cuentos Completos” (2006), pode ser tomado como exemplo da opinião proferida por muitos estudiosos da literatura latino-americana contemporânea: “su obra es vista como gran cronica de todo lo que ha pasado en hispanoamérica durante los 50 años que abarcan su producción (...) [Benedetti] ha escrito lo que muchos sentíamos que necesitaba ser escrito”⁸.

O ano de 1960 também é um marco para o sucesso de sua carreira, pois publica o romance “La Tregua”, seu livro mais vendido que possui cerca de 130 edições e tradução para 23 idiomas, e o polêmico ensaio “El País de la Cola de Paja”, que será abordado adiante mais detalhadamente, no qual Benedetti faz uma crítica à sociedade uruguaia com a idéia de que o Uruguai “es un país con mentalidad de oficina pública”⁹. As idéias deste ensaio se estendem ao que pode ser chamado de um primeiro momento na obra de Benedetti que, durante muitos anos, dividiu seu tempo entre a literatura e o trabalho de empregado público nas repartições públicas da cidade, ocupação da maioria dos montevidanos de classe média da época. Esta temática aborda a atmosfera cinza frustrante e a rotina monótona no trabalho e na vida pessoal do homem médio montevidano, com seus vícios, virtudes, sofrimentos e esperanças, e se faz muito freqüente nas primeiras obras produzidas por Benedetti. Eduardo Nogareda, estudioso do autor, denomina este momento de *Período oficinesco* e afirma que ele começaria com a publicação de “Poemas de Oficina”, em 1956

⁷ CRUZ, Juan. *Entrevista: Feria Del Libro de Madrid - La melancolía de Benedetti*. In: El País, 24/05/2008.

⁸ PACHECO, José Emilio. *"Prólogo" a Mario Benedetti, Cuentos completos*, Madrid, Seix Barral, 1994.

⁹ *Idem*

e terminaria no ano de 1969, quando o autor começa a enfrentar um período marcante de conflitos políticos que acabam por refletir e dar nova roupagem à sua obra.

Sob esta perspectiva, o *período oficinesco* engloba, então, a publicação de “Poemas de la oficina”(1956), que constitui a base de sua literatura humanista; “Montevideanos”(1959) compilação de contos de mesma temática; o romance aqui analisado “La Tregua”(1960), “El país de la cola de Paja”(1960) e “Gracias por el fuego” (1963), censurado na Espanha, em que os problemas sócio políticos que figuram em “La Tregua” ganham enfoque.

No ano de 1971, o autor publica seu quarto romance, “El cumpleaños de Juan Ángel”, considerado uma de suas obras fundamentais. Inaugura-se, assim, aquilo que se pode chamar de um segundo momento na obra de Benedetti, em que as questões políticas da ditadura na América Latina figuram fortemente. A partir de 1973 a experiência do exílio do autor e o contexto da ditadura na América Latina passam a influenciar sua obra, porém em um tom muito mais psicológico que descritivo, ou seja, a dimensão daquilo que os fatos implicam, tal como os dramas pessoais decorrentes da situação do exílio, interessam muito mais que a narração dos fatos por eles mesmos. Sendo assim, em 1977 é publicado “La casa y el Ladrillo”, livro com poemas que tratam do exílio, “Con y sin Nostalgia”, livro de contos e “El recurso del supremo patriarca”, crítica literária que aborda o tema do escritor latino-americano no contexto do subdesenvolvimento.

Mesmo durante o período em que esteve exilado, de 1973 a 1984, ano em que regressou ao Uruguai, Benedetti continuou escrevendo sobre o tema. Em 1982 escreve “Primavera con una esquina rota”, pelo qual recebeu o Premio Llama de Oro de Amnistia Internacional, no ano de 1987. Neste livro já se encontram menções ao “desexílio”, temática que dominará sua produção após a experiência pessoal do autor da volta à liberdade, que se efetiva em 1984.

Em 18 de Abril de 1983, três anos depois de receber a notícia do resultado favorável de um plebiscito decisivo para a ditadura, Benedetti publicou um artigo no jornal espanhol “El País”, falando sobre a necessidade da criação de uma palavra que expressasse o sentimento do fim do exílio, da volta à liberdade e expectativas em relação ao reencontro com as pessoas e o país de origem. O termo *desexilio*, além de ser uma contribuição do autor à língua espanhola, exemplifica bem a faceta do tema político que predominará em suas obras daí por diante. Como obras em que a variedade de sensações trazidas pela volta ao país começam a figurar nas entrelinhas ou são o ponto central encontra-se o segundo romance sobre o qual este trabalho se debruça, intitulado “La borra del café” (1992), e “Andamios”(1996), cujo título é uma metáfora a respeito da reconstrução democrática do Uruguai, necessária após o período de ditadura.

EL PAÍS DE LA COLA DE PAJA

“Podría afirmarse que El país de la cola de paja denuncia el funcionamiento del encubrimiento, que es una actitud colectiva caracterizada por la negligencia, el oportunismo y la culpa”¹⁰.

A *Real Academia Española* foi fundada em 1714 como um órgão que se propõe, até os dias de hoje, a fixar a pureza da língua espanhola. A instituição, que possui sede em Madri, é composta de estudiosos da língua provenientes de todas as nações de fala hispânica e cataloga em seus dicionários as palavras e expressões oficialmente consideradas (de acordo com os critérios internos) pertencentes à língua espanhola. Em seu dicionário *online* a expressão “cola de paja” aparece como típica do Uruguai e sinônimo de *remordimiento*, remorso em português. Em fóruns da internet nos quais falantes de espanhol discutem o significado da expressão, “tener cola de paja” adquire o sentido mais específico de possuir sentimento de culpa por algo, ser autor de uma acusação contra si mesmo ainda que não seja acusado por terceiros e, também, ter algo a esconder.¹¹

Em 1960, Mario Benedetti publicou um polêmico ensaio que intitulou “El país de la cola de paja”, no qual, acusando o país de “tener cola de paja”, se propôs a fazer uma análise social e política da realidade uruguaia daqueles anos e, mais do isso, uma forte crítica aos seus cidadãos compatriotas, ao governo e aos intelectuais, e afirma que o Uruguai “es un país donde todos se sienten culpables de algo y por eso nadie lucha para esclarecer ninguna situación, usufructuando de una especie de complicidad colectiva”¹².

Nele, Benedetti acusa o Uruguai de ser regido por um governo que distorceu a sua conduta ao longo dos anos, perdeu seus valores, passando a ser caracterizado como um governo desonesto e hipócrita, no qual “La democracia (...), más que una tersa, pulida superficie, es una cáscara, nada más que una cáscara. Por debajo de ella, está la corrupción: la grande y la chica. La gran corrupción del hombre de gobierno que propicia tantas disposiciones como necesita el negociado de sus amigos, y la pequeña corrupción (una especie de limosna de lujo) del aprovechado aprendiz de cretino que negocia con los pobres diablos que intentan jubilarse”¹³.

¹⁰ ARTOLA, María Gracia Nuñez. Un paradigma de propuesta crítica: El país de la cola de paja. *Espetáculo*. 2004.

¹¹ É possível tomar a expressão “ter o rabo preso”, como um sentido equivalente em língua portuguesa.

¹² NOGAREDA, Eduardo, *“Introducción” a Mario Benedetti, La tregua*, Madrid, Cátedra, 1989. P.18.

¹³ BENEDETTI, Mario, *El país de la cola de paja*, Asir, Montevideo, 1966.

Nota-se no ensaio, também, a busca constante por chamar a atenção dos cidadãos e fazê-los reagir diante da acusação de que o Uruguai é uma nação de pessoas submissas, que fingem não enxergar o governo que possuem e que tiveram os problemas deste, estendidos às suas vidas pessoais: “A burocracia super desenvolvida, a falsa moralidade nas transações públicas e privadas, os sacrifícios que um amplo setor da população deve realizar para viver com decência, levaram à conseguinte problemática nas relações familiares, nos conflitos humanos além da existência dos seres que sustentam valores morais artificiais e que não complementam suas necessidades individuais”¹⁴.

Na época em que foi lançado, apesar de ter sido muito atacado por boa parte da crítica, que o considerou “un libro de sociología mal hecho”¹⁵, o livro foi muito bem recebido pelo público e em 1973 já havia alcançado o número de oito edições publicadas. “Nós compramos esse livro porque somos masoquistas: gostamos de que nos doa a verdade, gostamos de nos ver retratados e não poder fazer nada, exceto dizer: Tchê, como o Benedetti pinta bem a situação! Que mal estamos!”¹⁶, afirmou um dos editores de “El país de la cola de paja” em uma entrevista na qual busca explicar o sucesso editorial do livro. Os problemas denunciados neste ensaio se estendem à obra ficcional do autor e constituem o germe do que seria tratado mais diretamente no que foi escrito durante os primeiros anos de sua produção. O conhecimento da publicação deste ensaio e as idéias que apresenta, também se faz necessário para o entendimento da importância para o autor de abordar o tema do cotidiano, e o aprisionamento e acinzentamento da rotina em que vivem seus personagens da classe média montevideana.

Esta classe média à qual muitos dos personagens de Benedetti pertence, havia sido formada na época de ouro para o Uruguai, quando o país esteve sob o governo de José Batlle e Ordóñez e ser trabalhador público era o sonho de muita gente. Além disso, um dado importante a ser tomado é o de que quando Benedetti se refere aos habitantes de Montevideo, está se referindo, por conseguinte, ao homem uruguaio de um modo geral, se levado em consideração que mais que a metade da população do país habita a capital.

¹⁴VOLPE, Miriam L. *Geografías de exilio*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.p.75.

¹⁵ NOGAREDA, Eduardo, "Introducción" a Mario Benedetti, *La tregua*, Madrid, Cátedra, 1989. P.18.

¹⁶VOLPE, Miriam L. *Geografías de exilio*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.p.75.

OS LIMITES DA ROTINA EM “LA TREGUA”

“Alguna vez dije, medio en broma medio en serio, que el Uruguay es la única oficina en el mundo que ha alcanzado la categoría de República”¹⁷

Publicado no mesmo ano em que o ensaio anteriormente discutido, “La Tregua” pode ser caracterizado como o romance de Benedetti que talvez melhor, e mais explicitamente, ilustre as idéias lançadas em “El país de la cola de Paja”. Nele o leitor acompanha a rotina de Santomé, que trabalha como funcionário público há anos e espera ansiosamente a data próxima em que poderá aposentar-se. A narração é escrita em primeira pessoa, em forma de diário pessoal, o que faz com que tenhamos contato com os sentimentos e impressões íntimas que o personagem possui diante da vida.

Santomé é um viúvo que após a morte de sua mulher passou a viver exclusivamente para o trabalho, já que os filhos estavam crescidos. Esta dedicação exclusiva talvez seja o que faz com que o personagem trace um objetivo único para sua vida, também relacionado ao trabalho: aposentar-se. Assim, seu relato nos leva a percorrer as ruas de Montevideu em direção à repartição pública, que são sempre as mesmas, a conhecer as pessoas com quem ele cruza diariamente, o horário de levantar-se, o horário de chegar ao trabalho, o horário do café, o horário de ir para a casa. Desta maneira as amarras da rotina vão se apresentando relacionadas ao tempo, e os acontecimentos na vida de Santomé se apresentam obedecendo a repetição dessas constantes diárias. Interessante notar que principalmente os domingos no diário de Santomé se restringem a poucas linhas e, às vezes, são inclusive pulados, como se fossem dias não vividos, já que são dias em que o personagem estaria livre das obrigações rotineiras. Mecanicidade, objetividade, pensamento matemático e obediência a regras são algumas características típicas do trabalho que desempenha Santomé e, por meio de seus diários o leitor percebe que estas características acabam por contaminar a vida pessoal do personagem que tem atitudes como contar o número de mulheres bonitas que entram no café onde se encontra, dividindo-as por categorias de beleza em seu diário. Em certa passagem, inclusive, o personagem chega a ouvir de uma mulher com quem se deitara que ele “hacia el amor con cara de funcionario público”¹⁸.

Santomé tem a sua trégua ao conhecer Laura Avellaneda, mulher muito mais jovem por quem se apaixona e que muda a maneira como Santomé leva e enxerga a vida. Ao viver essa paixão,

¹⁷ MARTINEZ, Ezequiel. Benedetti, el escritor. **Clarín.com**. Argentina, 2001. Disponível em: <http://www.clarin.com/diario/especiales/benedetti/>

¹⁸ BENEDETTI, MARIO. *La Tregua*, Madrid, Cátedra, 1989. p.70.

parece que se liberta, mesmo que continuando a cumprir todas as suas obrigações diárias, daquela atmosfera cinzenta e monótona na qual vivia. Passa a frequentar novos lugares, traçar planos e a preencher seus domingos com as horas de amor com Avellaneda no apartamento que alugou para este fim. Porém, como representativo da frustração da vida cotidiana da qual, segundo a visão pessimista de Benedetti, a classe média uruguaia não pode fugir, o autor coloca no caminho do personagem um novo fato, que porá fim a sua trégua: a morte de Avellaneda. Resta a Santomé, então, contar os dias até a sua aposentadoria.

Finalizando o livro, fica a questão sobre o que fará depois o personagem, sem a liberdade que o amor lhe havia concedido e sem as ocupações fixas que a rotina lhe impunha: “Me siento simplemente desgraciado. Se acabó la oficina. Desde mañana y hasta el día de mi muerte, el tiempo estará a mis ordenes. Después de tanta espera, esto es el ocio. Qué haré con él?”¹⁹. Com este desfecho é despertada no leitor a reflexão sobre quão mais libertador é o ócio em relação ao trabalho. É possível afirmar, desta maneira, que o final do romance sugere um “deslocamento” das fronteiras invisíveis, ou melhor, o estabelecimento de um paradoxo: ao mesmo tempo que o trabalho monótono e repetitivo impõe seus limites, ele permite que o homem, ocupando-se de uma atividade mecânica, deixe a mente livre e a utilize para sonhar. Além disso, no caso de Santomé, uma vez “libertado” do ofício, pela aposentadoria, e privado do amor, pela morte de Avellaneda, o personagem se vê sem trabalho para fazer, bem como, sem sonhos para sonhar.

As palavras de Santiago deixam explícito, dessa maneira, o pessimismo que assombra todo o romance, já anunciado em “El país de la cola de paja”. Lançando um olhar geral para a novela, é possível notar que todos os personagens possuem este denominador comum da decadência e da frustração e, não só cada um deles pessoalmente, como também de uma maneira geral na relação entre eles e de cada um com o funcionamento social, como se o fracasso se impusesse a toda aquela sociedade: Isabel, a esposa morta de Santiago, pouco a pouco vai tendo sua lembrança fragmentada e distanciada na memória do marido que, após tantos anos de ausência da mulher, não consegue evitar o esquecimento; Blanca, a filha mais velha de Santomé, vive com o temor de que sua vida acabe igual a de seu pai; Esteban, o filho do meio, por sua vez, se mostra desencantado em relação à vida profissional e, ao contrário do que esperava seu pai, se acomoda em um emprego de funcionário público que paga pouco e não oferece oportunidade de crescimento; Jaime, o filho mais novo que Santomé confessa ser seu preferido, se revela homossexual, fato que contradiz todas as expectativas paternas; Por fim, Avellaneda, a personagem que durante muitas páginas do romance se apresenta como aquela que se salva do fracasso e da comodidade, sofre uma morte prematura e repentina.

Outro aspecto que pode ser notado durante a leitura da obra é o fato de que em “La tregua”

¹⁹*Idem.* p.255.

as ações parecem não progredir ou que haja um constante fenômeno de progressão e regressão nelas, dando a sensação de que as coisas não caminham, não progridem, assim como a sociedade uruguaia.

PRIMAVERA CON UNA ESQUINA ROTA **E O PARADOXO DAS FRONTEIRAS**

Publicado e escrito durante a época em que esteve exilado (o autor esteve fora de seu país de 1973 a 1985) é possível afirmar que o tema geral de “Primavera con una esquina rota” (1982) seja justamente as implicações do exílio na vida pessoal daqueles que se vêem às voltas com esta questão. O romance apresenta uma visão complexa do exilamento ao retratar o estado de alma e reorganização da vida tanto daquele que vai para o exílio, quanto daqueles que não vão, mas a quem a ausência, o afastamento do outro, não deixa de registrar seus duros efeitos.

Com um início que causa certa confusão inicial ao leitor, já que este se vê de repente inserido em meio a uma porção de fragmentos (os capítulos) que não o situam em primeira instância no que se passa no universo do romance, o que primeiramente chama a atenção em “Primavera como una esquina rota” é a sua estrutura. O texto está dividido em capítulos, com títulos próprios que se repetem e vêm sempre acompanhados de subtítulos que mudam de acordo com o assunto que o capítulo tratará. Cada uma dessas “classes de capítulos” dá voz a um ou mais personagens específicos, trazendo seus sentimentos, diálogos, pensamentos e visões sobre a história e principalmente, permitem ao leitor uma visão muito íntima de cada um deles: *Intramuros*, diz respeito à Santiago o homem exilado por suas convicções políticas; *Beatriz*, acompanha o crescimento da filha afastada do pai e suas questões sobre política e linguagem; *Heridos y contusos*, aborda a relação de Beatriz e Graciela, sua mãe; *Don Rafael*, traz uma aproximação do leitor aos sentimentos do “Velho”, o pai de Santiago; *El otro*, é sobre Rolando Asuero, que se envolve com a mulher de seu antigo amigo agora exilado; e finalmente *Exilios*, capítulo no qual Benedetti se insere em meio aos personagens. .

Intramuros, capítulo que inicia o romance, são cartas escritas em primeira pessoa pelo personagem Santiago, um homem Uruguaio que está preso na Espanha devido à repressão da ditadura vigente em seu país. Essas cartas são destinadas ora à Graciela, sua mulher, ora à Dom Rafael, seu pai. Em tom de desabafo o personagem conta como se sente na rotina do cárcere, afastado há quase cinco anos de Graciela (que após tanto tempo longe de Santiago se vê envolvida com um velho amigo de seu marido) e sua filha Beatriz, com as quais mantém contato somente por meio dessas cartas. A voz de Santiago é extremamente significativa, pois talvez seja aquela que mais explicitamente represente a convivência paradoxal das amarras físicas e emocionais que estão

impostas aos personagens em todo o romance:

cuando uno tiene que estar irremediavelmente fijo, es impresionante la movilidad mental que es posible adquirir. Se puede ampliar el presente tanto como se quiera, o lanzarse vertiginosamente hacia el futuro, o dar marcha atrás que es lo más peligroso porque ahí están los recuerdos(...) ²⁰

Os muros da prisão de Santiago o privam fisicamente da liberdade, porém não o privam de sonhar. Santiago é o personagem que mais imagina, que mais sonha e que menos limites racionais impõe a seus pensamentos. Ele acredita, ainda, que pode sair dali uma pessoa melhor e espera que quando volte para seu país possa continuar a história de amor com Graciela e retomar o tempo perdido longe da filha. Ou seja, ao contrário dos demais personagens, ele tem a possibilidade de se permitir toda a sorte de pensamentos otimistas, já que não sabe exatamente o que se passa fora da prisão, ou seja, qual é a realidade mesma: “(...) si, puedo soñar despierto y por capítulos. Y así voy desgranando, desmenuzando, lo que quise y lo que quiero, lo que hice y lo que haré.”²¹

O paradoxo se comprova na medida em que os personagens que gozam de sua liberdade física, estão fatalmente amarrados emocionalmente: Graciela por exemplo, se vê apaixonada por Rolando, antigo amigo de Santiago, porém luta em se permitir viver esta paixão e quando se entrega, tudo é vivido com muita cautela, com muita culpa, com muita omissão, com muitas amarras:

“Lo sigo queriendo, entre otras cosas porque Santiago no ha hecho nada para que yo le dejase de querer (...) pero yo como mujer no lo sigo queriendo (...) Si Santiago no estuviera preso, esto no sería tan grave. Sería simplemente lo que le ocurre a tanta gente. Podríamos hablarlo discutirlo. Estoy segura de que al final lo entendería, aunque mi decisión lo amargara, lo decepcionase. Pero está en la cárcel”²².

Ela é mais uma vítima do exílio, que levou para longe seu marido e a forçou a seguir a vida, ao mesmo tempo em que deveria esperar pela volta de Santiago.

O sentimento de culpa é recorrente nestes personagens que estão livres fisicamente e talvez seja uma das amarras invisíveis mais fortes aos quais eles estão aqui submetidos, de maneira a limitar suas atitudes e reconhecimento de seus sentimentos: Ademais da culpa de Graciela, Don Rafael se sente culpado por estar livre enquanto o filho está preso “Y acaso quien, por alguna razón válida (no tengo en cuenta las razones indignas) consigue escapar a la tortura, experimente cierta

²⁰ BENEDETTI, Mario. Primavera con una esquina rota. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000. p.186 p.64

²¹ Idem p.65

²² Idem p.98

culpa por no ser torturado”²³. O sentimento de culpa do personagem Rolando, por sua vez, é discutível, sua integridade de caráter está sempre sendo posta em dúvida ao longo do romance, por meio dos próprios pensamentos e atitudes do personagem, pelo próprio leitor, que é quem dá vida à voz de Rolando e que a julga, que tenta entendê-la. Pode-se dizer que Rolando sente uma culpa que é aliada a um certo alívio por haver escapado da prisão, da qual era tão merecedor quanto Santiago. Quanto à sua relação com Graciela, Rolando não se condena convencido de que a relação dos dois é fatalmente decorrente do contexto que vivem.

Vale ainda ressaltar a maneira como majestosamente Benedetti registra a mensagem de que ele próprio poderia ser (ou é) um destes personagens e que, assim como eles, existiram muitos, anônimos, e também aqueles cujo próprio autor conheceu. “Exílios” são fragmentos, entre aspas, de depoimentos do próprio autor (que inclusive, cita seu nome em um dos capítulos), nos quais relata fatos ocorridos com ele e com outras pessoas que também defendiam suas convicções naquele período de repressão política. Dessa maneira Benedetti logra construir um livro que como tantos outros registra, sim, a quantidade de pessoas que sofreram com os acontecimentos políticos da época, porém ultrapassa o mero protesto da afirmação da existência de uma massa que não pode expressar-se nem defender seus ideais. Benedetti vai além, e retrata os dramas íntimos destas pessoas, suas personalidades, dúvidas e sofrimentos, representando o grande número por meio de dramas particulares que comovem o leitor, por meio de uma linguagem acessível.

Nota-se, assim, que apesar da diferença temática já demonstrada entre “La tregua” e “Primavera con una esquina rota”, os dois romances trazem personagens que se vêem envoltos com as questões da liberdade humana, e em ambos é estabelecido um jogo entre os personagens e as fronteiras que a eles se impõe: as invisíveis – a nível emocional – e as fronteiras visíveis – a nível geográfico. Como já foi dito anteriormente é difícil dissociar a ficção e a realidade quando se trata de Benedetti, porém, especialmente a leitura de “Primavera con una esquina rota”, nos leva a pensar sobre a maneira como a experiência do exílio tornou o nosso autor extremamente sensível a estas questões de liberdade, identidade e pertencimento. Questões estas que se tornam ainda mais complexas depois que Benedetti se torna “livre”, para voltar a seu país, para constituir-se, não mais como um exilado, mas como um ex-exilado. Porém, é preciso pensar que este autor de outubro de 1980 a outubro de 1981, que escreveu “Primavera...” ainda não se constituía como um “desexilado”, apesar de pensar sobre o assunto. Talvez por isso seu romance termine antes de Santiago recolher as suas malas e ir ao encontro daqueles que o esperavam no aeroporto do país do retorno, no capítulo agora intitulado não mais “Intramuros”, e sim “Extramuros (Arrvals Arrivées Llegadas)”:

“Y ahora a esperar las valijas/ la mía la pobre mía vendrá o no vendrá/ esto va

²³ BENEDETTI, Mario. Primavera con una esquina rota. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000. p.42

a demorar/ y los que aguardan/ el montón de cabezas tras los cristales/ si pudiera verlos encontrarlos (...) graciela y el viejo y esa cosita bárbara que debe ser mi gurisa/ graciela linda/ pensar que ésa es mi mujer/ beatricita qué fiesta nos espera/ y esse otro que levanta los brazos/ pero si es el duque/ pero si es el duque de endives en persona”²⁴.

O PERTENCIMENTO E A IDENTIDADE EM “LA BORRA DEL CAFÉ”

Depois de viver exilado durante 12 anos, em 1985, após ser restaurada a democracia no Uruguai, Mario Benedetti regressou a seu país. Sete anos depois, em 1992, publicou aquele que seria por ele considerado seu melhor romance. “La Borra del café” é, como afirmam muitos estudiosos de sua obra, e também o próprio autor, um romance de alto teor autobiográfico no qual o escritor uruguaio, por meio do personagem Claudio, regressa à Montevideu de sua infância e expõe as sensações que o descobrimento da cidade e das novidades da adolescência e da fase adulta lhe proporcionaram: “Yo creo que la mejor [novela] que escribí es La borra del café. Es la única que en algún sentido es autobiográfica. O que por lo menos lo es en el envase, pues el protagonista es totalmente inventado pero vive en los barrios donde yo viví.”²⁵

“La borra del café” é basicamente um livro de memórias do personagem Claudio que, assim como Benedetti, pertencia a uma família que tinha o hábito de mudar de casas com grande frequência. Sendo assim, o romance percorre os bairros e as casas em que o menino morou, trazendo descrições físicas e emocionais do que cada um daqueles lugares significou para ele. Dessa maneira, ao longo da narrativa, o leitor conhece os personagens com quem Claudio se relacionou e os fatos marcantes para seu crescimento. Dentre eles a descoberta do cadáver do mendigo Dândi, a morte da mãe, a primeira aproximação erótica com Rita, sua iniciação sexual com Natalia, o segundo casamento do pai, a opção pelo ofício da pintura, os planos de casamento com Mariana.

Com a poesia que é característica da narrativa Benedettiana, a vida de Claudio é contada ao longo de 48 curtos capítulos que compõem o romance, que se intercalam entre narrações em primeira pessoa, feita pelo personagem Claudio, e narrações em terceira pessoa, que seguem a lógica das primeiras narrativas e acompanham cronologicamente as ações conseguintes de Claudio. Tal mudança de primeira para terceira pessoa se faz de maneira tão sutil que pode passar despercebida pelo leitor menos atento. Os textos em terceira pessoa parecem tão pertencentes à memória de Claudio, quanto os de primeira. Com isso, o autor joga com a idéia da lembrança, com a condição instável de distância e proximidade que a memória estabelece com os fatos reais e com o

²⁴ *Idem* p.186

²⁵ GILIO, María Esther. *Entrevista a Mario Benedetti*. Revista Brecha. 2008.

fato de o relato em si também estar condicionado aos limites, às barreiras, que o próprio exercício de lembrança impõe. Por esse elemento, a condição limitada do ser humano, que já havia sido retratada em “La trégua”, começa a dar as caras em “La borra del café”. Porém, neste romance ela adquire uma nova roupagem, que traz questionamentos muito provavelmente advindos da experiência pessoal do exílio pelo qual acaba de passar o autor no momento em que escreve o romance.

O mudar de casa várias vezes, por exemplo, remete à idéia de flutuação, do não lugar, da dúvida sobre o lugar ao qual se pertence, ao sentimento de pertencimento a todos os lugares e lugar nenhum ao mesmo tempo, característico daquele que se encontra exilado em outro país e necessita ali se adaptar sabendo, porém, que a qualquer momento poderá regressar à sua pátria e que, quando haja o regresso, ela já não será mais a mesma. Tal idéia está representada no romance também por meio da personagem Juliska, “iugoslava que fazia parte de uma migração de mulheres eslavas que, fugindo da miséria e de outras ninharias, chegavam de barco a Montevideu nos anos 30”²⁶. Juliska se encarrega dos afazeres domésticos da casa de Claudio após a morte de sua mãe e tem como traço característico a pronúncia de um “espanhol rudimentar, cuja confusão de gêneros desencadeava um involuntário efeito humorístico”²⁷. A confusão com o idioma denuncia de cara que a mulher não pertence àquele lugar e, curiosamente, ao longo do romance, a pronúncia vai se tornando cada vez mais próxima à dos nativos uruguaios, o que demonstra linguisticamente o processo de adaptação e de aquisição do sentimento de pertencimento ao novo país. No capítulo “Juliska fica triste” esse processo de enraizamento no novo país, que provoca a sensação de pertencer e não pertencer, se torna explícito quando Claudio encontra a empregada chorando no pátio de sua casa:

(...) Mas, de repente (naquela mesma tarde, ela não sabia por quê), sentira uma saudade terrível da sua terra. Quis lembrar o gosto das frutas silvestres, o cheiro do campo quando anoitecia, o rosto de sua mãe, o canto do rouxinol, as ondas verde-azuis do lago Skadar, o firmamento como um teto. Banzo típico, diagnostiquei. ‘Aqui também tem céu’, tive necessidade de esclarecer. ‘Ah, sim’, balbuciou, ‘mas estrelas demais. Não parece teto. Parece teatra’.²⁸

e quando Claudio pergunta se ela gostaria de voltar a seu país, a empregada responde sem mais delongas: “Voltar? De jeito nenhuma. Se voltar eu ficar com muito saudade da Uruguai, todos vocês bonzinhas comiga saudades dos praios, meu família em Las Piedras” e no dia seguinte a iugoslava já estava cantarolando durante o café da manhã, como fazia todos os dias.

²⁶ BENEDETTI, Mario. *A Borra do Café*, Rio de Janeiro, Record, 1998.p.57.

²⁷ *Idem*

²⁸ *Ibidem*. p. 152

A sensação de pertencimento também está presente a todo momento no relato de Claudio que descreve a casa de Capurro como a mais especial, a primeira que lhe proporcionou o sentimento de ter um lugar para chamar de seu. Ali ele teve seu primeiro quarto próprio, seu próprio mundo e, além disso, aquela casa proporcionava um pertencimento também no âmbito familiar, pois em Capurro a mãe ainda estava viva e eles moravam perto de primos e dos avós. Quando Claudio precisa mudar-se de Capurro, porém, seus trajetos, suas rotinas, o círculo de pessoas com quem convivia, ele se dá conta de que vivia em uma espécie de exílio naquele bairro “eu me sentia cativo de minha infância em Capurro. Era um exilado de Capurro”. Ou seja, a própria sensação de pertencimento ao lugar que é seu, implica em certo tipo de aprisionamento, que Miriam Volpe denomina *insilio* em seu livro “Geografias do exílio”, no qual realiza um aprofundado estudo sobre Mario Benedetti.

Segundo os tradutores do romance para o português, em “La borra del café” o autor “agarrasse ao passado como se fosse a vida em si, e o faz, metaforicamente, sem sair desse exílio em que vive e que nunca abandona”²⁹. É importante ressaltar que neste, que pode ser chamado livro de memórias, Benedetti retrata não o Uruguai de 1992, ano em que escreve, mas sim o Uruguai dos anos 30, época em que viveu sua infância e adolescência. Este fato, somado aos dados biográficos do autor, permite a interpretação de que o romance seria uma viagem ao passado em busca de sua própria identidade. Porém, como o próprio autor afirma, no romance tais fatos são vividos não por ele, mas pelo fictício Claudio. Além disso, a construção da ficcionalidade no romance conta também com a marcante atuação da personagem Rita, a misteriosa menina da figueira. Ela aparece pela primeira vez na infância do personagem e se torna o elemento comum entre o passado, o presente e o futuro de Claudio. Ela é a lembrança viva, que vai e volta, que aparece e desaparece em passagens misteriosas que envolvem o leitor ainda mais na trama. Rita é um elemento importante em meio ao tom autobiográfico do livro, pois figura como estratégia narrativa, um forte elemento ficcional no texto, provando que este não é simplesmente um livro de memórias relatadas.

A RECONSTRUÇÃO DO PAÍS E DA ALMA EM “ANDAMIOS”

Em 1996, após viver 11 anos como *desexilado*, finalmente Benedetti reuniu toda sua experiência e falou explicitamente sobre o assunto em “Andamios”, o romance do regresso. Nas palavras do próprio autor *andamios*, em português *andaimes*, “son estructuras adicionales que se hacen cuando se está construyendo una casa”³⁰ e pode-se dizer que é justamente sobre a construção

²⁹ BENEDETTI, Mario. *A Borra do Café*, Rio de Janeiro, Record, 1998.

³⁰ MARTINEZ, Sanjuana, Mario Benedetti: “Por respeto a los obreros, no pongo obreros em mis obras”. *Babab*, no.01 Março, 2000. Disponível em: http://www.babab.com/no01/mario_benedetti.htm

de uma casa, no sentido metafórico, que o livro trata. A palavra “casa” nos remete à idéia de pertencimento, de um lugar que é seu, de conhecido, familiar. No romance, portanto, acompanhamos os dias de Javier, o personagem recém *desexilado*, na atividade de reconstruir a casa que era sua antes do exílio: o Uruguai.

O livro começa com uma espécie de prólogo do autor, intitulado “Andamio preliminar”, no qual estabelece um diálogo franco com o leitor, preparando-o para mergulhar na leitura ou decidir desistir dela, caso “los andamios, reales o metafóricos, no le interesen”³¹. Neste prólogo, Benedetti faz algumas considerações sobre o “verdadero regreso” afirmando que não se trata apenas de enfrentar “un conglomerado social ni a un país oficial u oficioso, sino a *su* país personal, ese que llevaba dentro de sí y lo aguardaba fuera de sí”³². Ele explicita que o romance tratará da história de um homem que acaba de voltar do exílio e seus encontros e desencontros ao retornar a seu país de origem e, apesar de Benedetti, assim como Javier, haver vivido 12 anos no exílio e trabalhado como correspondente de um jornal espanhol, o autor deixa claro que não se trata de uma autobiografia e sim de um “*puzzle* de ficción, compaginado merced a la mutación de realidades varias, casi todas ajenas o inventadas, y alguna que otra propia”³³. Por fim, afirma que não está seguro de que se trata de um romance, mas sim de uma coleção de andaimos, formado por 75 capítulos, sendo que, cada um deles, “puede o quiere ser un andamio, o sea un elemento restaurador, a veces distante de los otros andamios”³⁴. De fato o livro se apresenta mais como uma coleção de diferentes formas de expressão, que dão respaldo a essa reconstrução destinada ao personagem, do que como um romance a texto corrido. “Andamios” é formado por diferentes gêneros textuais, contendo fluxos de consciência do personagem Javier; cartas, escritas por Raquel e Camila, a esposa e a filha que permaneceram na Espanha; cinco artigos jornalísticos, escritos por Javier para serem publicados em jornais espanhóis; e quatro poemas, também de autoria deste personagem.

No primeiro capítulo do romance Javier faz uma espécie de revisão das etapas do exílio. Dessa maneira Benedetti lembra o leitor, através da voz do personagem, que o regresso não é algo que se instaura repentinamente e sim se constitui como um processo que começa no passado, no momento em que se deixa a terra natal e durante o período de exílio e, por isso, o retorno sempre terá relação com o que foi vivido anteriormente. Nessa passagem Javier, em conversa com seu antigo amigo Fermín (com quem ainda está retomando a amizade), explica sucintamente o trajeto que o levou até o momento presente, o momento da volta:

Fueron varias etapas. Una primera, ésa en que te negás a deshacer las maletas (bueno, las valijas) porque tenés la ilusión de que el regreso será mañana. (...)

³¹ *Andamios*, Madrid: Alfaguara, 1997.p.13

³² *Idem* p.12.

³³ p. 11

³⁴ p.. 12

cuando escuchás los noticieros, sólo ponés atención a los sucesos internacionales, esperando (inútilmente, claro) que digan algo, algo de tu país, de tu gente. La segunda etapa es cuando empezás a interesarte en lo que sucede a tu alrededor, en lo que prometen los políticos, en lo que no cumplen (a esa altura ya te sentís como en casa) (...) No obstante, a pesar de la adaptación paulatina, a pesar de que va aprendiendo las acepciones locales, y ya no decís “vivo a tres *cuadras* de la Plaza de Cuzco”, ni pedís en el estanco (más o menos un *quiosco*) una caja de fósforos, sino de *cerillas*, (...) cuando ya te has metido a codazos en la selva semántica, igual te siguen angustiando, en el recodo más cursi de la almita, el goce y el dolor de lo que dejaste. (...) por fin se borran las vedas políticas que te impedían el regreso. Sólo entonces se abre la tercera y definitiva etapa, y ahí se empieza la comezón lujuriosa y casi absurda, el miedo a perder la bendita identidad, la coacción en el *cuore* y la campanita en el cerebro. Y aunque sos consciente de que la operación no será una hazaña ni un jubileo, la vuelta a casa se te va volviendo imprescindible³⁵.

Nota-se também, já neste primeiro diálogo, algo que figurará fortemente durante todo o livro: a constatação sobre a convivência de duas identidades através da reflexão sobre a diferença entre a linguagem espanhola - do exílio – e uruguaia – do retorno. Esta relação entre o entendimento da própria identidade e a língua aparece por diversas vezes no livro e figura, inclusive, na fala daqueles que escolheram permanecer no país do exílio, mesmo depois de “livres” para voltar ao país de origem, como é o caso de Camila, a filha de Javier que em carta a seu pai escreve: “¿y a ti (a vos) cómo te va en la vida? (...) tu (o vos) debes (o debés, mecachis, a esta altura ya no sé cuál es mi idioma) tener una existencia apasionante (...)”³⁶. Esta confusão demonstra a dificuldade de libertar-se do fantasma de suas origens e de entender claramente a sua própria identidade, mesmo após a mudança de país tornar-se algo elegível.

Logo no início do romance o leitor percebe que a reintegração de Javier ao país que foi forçado a deixar se dará aos poucos. Assim que chega ao Uruguai ele se instala em um balneário distante de Montevideo e abre um vídeo-locadora na cidade, motivo que o faz ir para lá ao menos alguns dias da semana. Javier estabelece uma relação de estranhamento com o espaço urbano, típico daquele que durante tanto tempo manteve-se afastado e não acompanhou as mudanças físicas e sociais da cidade. Por diversas vezes ele constata mudanças no espaço e cita a sensação de sentir-se um estrangeiro na terra que deveria chamar de sua:

Pero el Jardín Botánico actual no se correspondía com el que había resguardado

³⁵ *Ibidem* p.20 e 21

³⁶ *Ibidem* p.296

com mimo en su memoria. O tal vez él no era el mismo. (...) Le costó encontrar el roble de su preferencia, y cuando por fin lo halló (o creyó hallarlo, porque no estaba seguro de que fuera el mismo) no tenía a su izquierda ninguna pareja diciéndose quién sabe qué silencios³⁷.

Além da relação com o geográfico, a retomada das relações pessoais (elemento fundamental para restabelecer o sentimento de pertencimento) também acontece de maneira progressiva. No início as visitas dos antigos amigos, muitos deles também ex-exilados ou ex-presos e torturados, não agradam muito a Javier e acontecem de uma maneira fria, às vezes até constrangedora. Porém, com o tempo, o personagem passa a sentir-se mais à vontade na presença deles até retomar e solidificar aquela que é a verdadeira e antiga amizade, com Fermín. Javier também renova a relação de afeto com sua mãe, com quem nunca havia deixado de se comunicar e que, ao contrário da cidade, ainda lhe parece a mesma de sempre. O restabelecimento do contato entre os dois faz com que o fortalecimento do afeto e confiança seja tão grande que Nieves chega a confiar a Javier um caso extraconjugal que ela vivera no passado, e o verdadeiro motivo da morte de seu pai, de maneira que essa renovação na relação também significa a redescoberta de sua própria identidade, a partir do conhecimento da verdadeira história de sua família.

Enquanto algumas relações são refeitas graças ao fim do exílio, outras são desfeitas também em função dele: ao retornar ao Uruguai, Javier deixa para trás a convivência com Camila, sua única filha e com Raquel, sua ex-mulher, que decidiu permanecer na Espanha por não confiar na democracia do Uruguai. Com elas ele segue comunicando-se por meio de cartas e sob um juramento mútuo de sinceridade. Esta situação remete àquela vivida por Santiago que em “Primavera con una esquina rota” é separado de sua mulher e filha, mas devido ao exílio. Sendo assim, a relação de Javier com Raquel e Camila demonstra que ainda que se retorne ao país, não é possível desfazer de fato o exílio em seu sentido emocional, já que muitas vezes o retorno é uma perda pela segunda vez. Ou seja, ainda que *desexilado* o sentimento de exílio, em algum sentido permanece e Javier demonstra, inclusive, ter consciência disso quando afirma: “me siento exiliado de mi hija”. Isto chama a atenção para o fato de que problemas obviamente causados pelo exílio, como a separação, também fatalmente acabam por figurar no desexílio, ou seja, o sujeito, politicamente livre, não é de fato premiado com a liberdade total: “Aunque te parezca mentira, el exílio nos unió y ahora el desexílio nos separa”

Assim se anuncia a grande fronteira invisível que é imposta aos personagens neste romance: o fato de que, ainda que libertado, o indivíduo, uma vez que tenha passado por essa experiência, passa a ser acompanhado senão para sempre, durante muito tempo, pelo fantasma do exílio e suas

³⁷ *Ibidem* p. 139

amarras. A presença de tal fronteira invisível é notada também a partir da observação de que durante os encontros da roda de amigos, eles abordem os mais diversos assuntos, mas que ninguém fale do passado, do que sofreram, do que viveram. A prisão, portanto, segue existindo dentro deles como uma sombra. A presença deste fantasma do passado sofrido, que freqüentemente bate à porta dos ex-presos e ex-exilados políticos, também é representada na figura do Coronel Saul Bejarano, que fora torturador de Fermín, amigo de Javier. Certo dia Bejarano bate a porta de Javier, que nem ao menos o conhecia, afirmando saber muito sobre ele e anunciando seu desejo de falar com Fermín, explicar-lhe as razões por ter feito o que fez, dizer-lhe que ele apenas cumpria ordens, apesar de afirmar não se arrepender. Javier, portanto, torna-se o meio de comunicação entre o torturador e o torturado, que em nenhum momento se enfrentam frente a frente. Fermín recusa o convite, dias depois Bejarano se suicida e deixa uma carta para Javier, desabafando sobre o vazio em que sua vida havia emergido nos últimos anos, denunciando, dessa maneira que os anos difíceis que o país passou, deixaram suas amarras em todos aqueles que o viveram, sem importar o papel que desempenharam naquele tempo.

Encontra-se neste romance um misto de elementos existentes em cada um dos outros três romances anteriormente analisados, de maneira que é possível afirmar que “Andamios”, de certa forma, retoma cada um deles. Ademais da retomada de elementos já anunciados em “Primavera con una esquina rota”, há a reflexão sobre a insatisfação com a condição política e social do Uruguai, fortemente presente em “La tréguia”. Agora ela figura nos artigos escritos por Javier para serem publicados na Espanha, nos quais abordava também a problemática da América Latina e da política internacional. Aliás, a referência ao político é, neste romance, muito mais explícita e abrangente e figura tanto nos fluxos de consciência de Javier, quanto nas suas conversas com os amigos mais próximos, e em seus artigos e em cartas. Por várias vezes é afirmada a falta de identidade do país em diversos sentidos, talvez porque o próprio personagem ainda buscasse a sua identidade e visse no Uruguai do retorno características muito diferentes das daquela sociedade que havia deixado 12 anos atrás:

“Todas las naciones, todos los pueblos, tenían su identidad y, aunque no siempre de modo consciente, la defendían. ¿Por qué este país, tan mensurable y alfabetizado, tan preciso en sus límites los geográficos y los costumbristas, tan metido en su forma de corazón o de talega o quizá de teta menuda (que no es lo mismo que menuda teta) con su pezón montevideano no iba a tener también su identidad?”³⁸

Outro elemento muito importante do texto, e que nos remete à “La tréguia”, é a personagem

³⁸ *Ibidem* p. 147.

Rocío, antiga amiga que foi presa e torturada, com quem Javier se reencontra e começa a viver um relacionamento amoroso. Além de Fermín, é com ela que Javier se sente confortável para falar e ouvir sobre o passado negro que ambos viveram, ou seja, de libertar-se da existência deste tabu. Na medida em que o relacionamento entre os dois se torna mais íntimo e confortável, Rocío vai se constituindo, cada vez mais, como o elemento salvador, que o liberta das amarras que sua condição de *desexilado* impõe: é devido a ela que Javier se integra cada vez mais à cidade, devido as noites dormidas no apartamento da moça; o fato de estar envolvido e fazer planos com alguém naquele e daquele país fortalecem os laços e a reintegração à sociedade uruguaia; e é com ela que, pouco a pouco, vai assimilando a separação com Raquel que é representativa do que perdeu ao voltar para o Uruguai. A semelhança de Rocío com o papel de Avellaneda em “La tregua” não poderia ser maior: certo dia, ao voltar de um final de semana amoroso em *Punta del Este*, Javier e Rocío sofrem um acidente de carro que mata inesperadamente a personagem feminina.

Porém, é com o romance “La borra del café” que “Andamios” estabelece o maior número de correspondências explícitas, talvez porque ambos, cada um a sua maneira, tenham representado para o autor a escrita da volta para a casa. A primeira referência ao romance anterior, que em um primeiro momento pode passar despercebida pelo leitor, é o fato de Javier frequentemente ter sonhos eróticos com uma moça chamada Rita. Neles o personagem se vê dentro de um vagão de trem, na presença de uma mala sem dono, quando de repente aparece sua dona, “una muchacha más hermosa que cualquier carátula de *Playboy*”³⁹. Ela tira sua roupa e guarda-a na mala, mexendo profundamente com os desejos de Javier que sempre se desperta antes que de fato uma relação aconteça. Esses sonhos repetitivos são apresentados em capítulos independentes e a revelação explícita de que esta Rita pode ser, ou é, a mesma dos sonhos de Cláudio de “La borra del café”, se dá no capítulo 44. Nele há um encontro entre o montevideano construído por Benedetti em “Andamios” e o de “La borra del café”. Na ocasião Javier, ao passar por uma antiga galeria que acreditava não mais existir, vê que ali há a exposição de um artista chamado Cláudio Merino, cuja arte já conhecia e já havia apreciado em outras exposições, inclusive porque lhe chamava a atenção a série de pinturas de relógios e mulheres. Javier se mostra um conhecedor da obra de Cláudio que agora era um pintor conhecido. O encontro dos dois tem seu ponto alto quando Claudio aparece vindo de uma porta do fundo da galeria e os dois iniciam uma conversa rápida, na qual o pintor afirma que agora lhe interessam outros temas, que não o da mulher e os relógios. É então o próprio Javier faz a relação entre as duas Ritas, a de seus sonhos e a de Cláudio: “-¿Puedo hacerle una confesión? En estos últimos tiempos me acordé bastante de usted, aunque por razones más oníricas que artísticas. Tuve dos o tres sueños en que se me apareció Rita”⁴⁰. Os dois, então, começam a conversar sobre a moça de maneira que “no parecía que hablaban de un sueño, sino de una mujer de

³⁹ P.100

⁴⁰ P. 200

carne y hueso”⁴¹, quando finalmente, depois de Javier contar o teor dos sonhos, o próprio Claudio fornece a conclusão de que se trata da mesma: “No hay otra”⁴².

Chama a atenção que Benedetti tenha proporcionado o encontro entre Cláudio – o personagem representativo da construção da identidade – e Javier – o personagem representativo da reconstrução desta. É possível afirmar que no encontro dos dois personagens reside a representação dos dois “eus” que convivem no processo da volta do exílio, o do passado e o do presente. Além disso, pode-se dizer que ao realizar o encontro dos personagens Benedetti colocou frente a frente seu próprio antes e depois, realizando assim um encontro consigo mesmo, inevitável dentro da reflexão sobre o *desexilio* e todas as suas implicações que envolvem passado, presente e futuro.

Ainda em relação ao diálogo entre as duas obras citadas é relevante ressaltar a temática da morte, representada justamente pela personagem Rita. No último capítulo de “La borra del café”, Claudio está em um avião indo para Quito e em determinado momento, a viagem transforma-se em um vôo misterioso, do qual Rita é a aeromoça. Ela tenta uma reaproximação erótica com ele e o corpo de Claudio responde a esses estímulos quando é interrompido pela voz do comandante anunciando o destino da viagem:

[Claudio] perguntou em voz alta: “que aeroporto ele disse?” Rita ajeitou o cabelo e sorriu de leve antes de responder: “Mictlán.” “Não íamos para Quito?” “Íamos, sim. Agora vamos para Mictlán”. Ele estava tenso: “E onde fica isso? Em que país? A outra mão de Rita, a que agora repousava em seu braço, parecia insuportavelmente fria: “Você vai ver Claudio, você vai ver.”⁴³

Segundo a crença da civilização mexicana antiga Mictlán é o lugar de residência das almas que deixaram a vida terrena. Lá eles repousam até os dias em que, uma vez por ano, voltam a Terra para visitar seus familiares, que os recebem com altares, oferendas e doces em formato de caveiras. Neste dia se comemora o *día de los muertos*, no México. Sendo assim, a relação entre Rita e a morte já é anunciada desde que o comandante informa o novo destino, mas Claudio só consegue fazer essa associação quando, após sentir que o avião está voando em espiral e lembrar da voz de Rita durante um encontro dos dois no café Spotman “dizendo que concebia a morte como um sonho repetido, mas não em círculo e sim em espiral”⁴⁴.

Segundo a concepção de Rita, explicitada em “La borra del café”, “toda vez que a gente passa por um mesmo episódio, o vê com mais distanciamento, e isso nos faz compreendê-lo melhor”⁴⁵. E é exatamente dessa maneira que a personagem se insere em “Andamios”: o sonho com

⁴¹ P.200

⁴² P.200

⁴³ BENEDETTI, Mario. *A Borra do Café*, Rio de Janeiro: Record, 1998. p.187.

⁴⁴ Idem

⁴⁵ ibdem

Rita é um episódio recorrente na vida de Javier e, cada vez que a personagem aparece, ele (e o leitor) compreende melhor o que ela representa. Nos primeiros sonhos ela é para ele, apenas a personagem de um sonho erótico; depois do encontro com Cláudio, Javier a associa com os quadros do pintor, aproximando-o do personagem de “La borra del café”; No sonho seguinte a este encontro, Javier e Rita estabelecem um diálogo maior do que nos demais sonhos e ela anuncia que logo será desvendada: “Ya sabrás de mí”⁴⁶; e por fim, na última vez em que vê a fantasmagórica Rita, sua aproximação com a morte é finalmente desvendada: ela reaparece poucos dias após Javier, ainda um pouco confuso pelo acidente, tomar conhecimento da morte Rocío:

Todavía se sentía débil. De pronto se mareó, tuvo un breve desvanecimiento. No tan breve, sin embargo, como para no padecer un relámpago de pesadilla. Estaba en el andén de una estación cualquiera y un tren pasaba con lentitud, pero sin detenerse. En una ventanilla asomó la cabeza de Rita y él alcanzó a entender el grito: “Te había avisado que sabrías de mí.”⁴⁷

É interessante notar que em ambos os romances, Rita aparece sempre inserida em uma atmosfera de erotismo que enfeitiça o personagem fazendo-o perder a noção de tempo e espaço a que pertence, ou seja, o desloca do contexto da indagação sobre sua própria identidade algo que pode ser tão prazeroso quanto os desejos sexuais por ela despertado nos personagens. Além disso, ela é inserida em contexto de movimento: em um avião, no primeiro romance, e em um vagão de trem, no segundo, o que nos remete à condição do recém *desexilado*, que não se sente arraigado em nenhum país e para quem a relação entre o tempo passado, o tempo presente e o espaço é extremamente significativa e confusa. Como representativo dessa condição do *desexilado*, em “Andamios”, pode-se citar, ainda, a passagem na qual o leitor é informado que Javier, vez ou outra, acordava durante a noite e “padecia de uma breve desorientación”⁴⁸. Na página 230, o personagem, em meio à escuridão, sente que há um corpo adormecido ao seu lado e confunde-se ao acreditar que está em Madrid, ao lado de Raquel, enquanto que, na verdade, estava em Montevidéu, ao lado de Rocío.

Neste romance as fronteiras visíveis, aquelas que geograficamente aprisionavam os personagens, são desfeitas: os exilados podem voltar a seus países, os presos políticos se vêem fora dos muros da prisão, os recém libertados estão longe de cumprir a rotina do funcionalismo público e aqueles que haviam ficado livres recebem de volta os que estavam distantes. Porém, ao contrário do que se espera, a liberdade não passa a ser um sentimento predominante na vida deles, muito pelo contrário. O paradoxo aqui continua sendo instaurado: a liberdade de ir e vir aumenta e as amarras

⁴⁶ P. 248.

⁴⁷ P. 309.

⁴⁸ P. 206.

emocionais se reforçam. Enquanto um problema é resolvido, outro se instaura e o pessimismo continua. Mas ao mesmo tempo em que neste romance o leitor é apresentado a várias razões para a existência de um sentimento de não-liberdade na volta do exílio, parece haver um anúncio de otimismo pelo romance, trazido pelo retorno, pela volta a sua própria vida que de fato existe e convive com as problemáticas desta volta, instaurando-se dessa maneira e também neste romance o jogo de contrários já notado nos romances discutidos anteriormente. Tal convivência entre os sentimentos otimistas e pessimistas, a falta de esperança e a existência dela, o fim do que se construiu no exílio e a retomada do que havia sido destruído por ele, está representada em pequenos fatos que ocorrem seguidos de outros e assim contradizem o sentimento proporcionado pelo anterior. Como exemplo maior está o acontecimento que fecha o romance: após a morte de Rocío, Javier recebe a notícia de que Raquel e Camila estão voltando ao Uruguai ansiosas para vê-lo e cuidá-lo após o acidente que sofrera, ou seja, a morte de Rocío pode não significar o fim daquela liberdade que ela lhe proporcionara, ao contrário do que acontece com a morte de Avellaneda em “La trégua” que significa a perdição de Santomé. A vinda de Raquel e Camila significa um novo recomeço dentro do recomeço maior que é a vivência complexa do *desexílio*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constantes em sua obra

Tomando por base os estudos aqui realizados sobre quatro obras representativas da trajetória dos romances do autor, é possível afirmar a existência de determinadas constantes na obra Benedettiana.

A característica maior da produção de Benedetti, tanto no que diz respeito ao tema “oficinesco” quanto no que se trata de suas obras sobre o exílio e o *desexílio*, parece ser o fato de que o autor sempre parte de um acontecimento determinado, extremamente verossímil, e faz o trabalho de desvendar suas implicações psicológicas e sociais, desprezando, assim, a narração deste acontecimento em si. O interesse de Benedetti é muito maior quanto à atitude das pessoas diante de um determinado fato, do que quanto à maneira como o fato ocorre propriamente dito. Sendo assim, também é uma constante que em suas obras haja enredos de cunho íntimo, que a primeira vista pareçam dizer respeito a um determinado personagem e que, com o desenvolvimento do caráter psicológico da obra, adquirem uma dimensão maior e cheguem a referir-se a sentimentos e situações de caráter universal. Ou seja, em suas obras, Benedetti representa o geral, a vivência de muitos, por meio de uma história pessoal: “El acierto de Benedetti fue partir de sus prójimos más próximos para ahondar narrativamente en el enigma de las relaciones humanas, en la pregunta sin

respuesta en torno a nuestra convivencia”⁴⁹ Talvez essa seja uma das explicações para o sucesso de suas obras fora das fronteiras do Uruguai.

Sob esta perspectiva é possível apontar também a constante temática da (não)liberdade, apesar da inicial divisão entre períodos (*oficinesco* e pós-exílio), que buscou ser demonstrada ao longo de todo este trabalho. Observa-se que nas quatro obras, independente da história e do cenário em que vivam os personagens, eles de alguma forma são submetidos a elementos que os aprisionam física e/ou emocionalmente. Nota-se, assim, a existência de certo tom de pessimismo, no que diz respeito às amarras às quais os personagens estão fatalmente submetidos, como simples consequência de sua condição humana, assim, também é notável um constante jogo de paradoxos com as fronteiras visíveis e/ou invisíveis que a eles são impostas. Esta instauração de fronteiras surge como consequência principalmente das condições físico-geográficas e emocionais em que vivem os personagens, mas também se nota a importância da presença de personagens femininas fortes, que influenciam consideravelmente a vida dos personagens masculinos, libertando-os ou aprisionando-os como foi possível notar na interpretação sobre o papel de Avellaneda, em “La tréguia”; Raquel, Nieves e Rocio, em “Andamios”; Graciela e Beatriz, em “Primavera con una esquina rota”; e Rita, em “La borra del café”. Por fim, é notado que quase todos os personagens destes romances, que são representantes desta condição uruguiaia (e humana) da impossibilidade de alcançar a liberdade completa, são montevidianos, sejam eles *insilados* (aprisionados no próprio país devido à rotina do trabalho público), *exilados* ou *desexilados*.⁵⁰

Além desta, ressalta-se uma constante no que diz respeito à linguagem utilizada pelo autor. A linguagem acessível é sempre citada por seus estudiosos e pode inclusive ser um elemento que explica a boa aceitação de sua obra pelo público, que além de ver-se retratado nos montevidianos, se identifica com a linguagem. Através dela Benedetti se mostra um homem coerente com seu propósito de produção literária: pretende comunicar-se com a cultura média uruguiaia e, por isso, é a linguagem desta cultura que vai utilizar, não se importando em deixar de demonstrar por meio de sua alta instrução intelectual que lhe permitiria uma elaboração muito maior das palavras. Referindo-se à poesia, propriamente dita, Miriam Volpe afirma que o autor se insere em um “movimento quase de âmbito continental: o da poesia coloquial, de tom conversacional”⁵¹. Porém,

⁴⁹ PACHECO, José Emilio, “Prólogo” a *Mario Benedetti*, Cuentos completos, Madrid, Alfaguara, 1994. P.15.

⁵⁰ Como dito anteriormente o termo *insilio* é proposto por Volpe (2005) como denominador do sentimento de estar preso, isolado, dentro de seu próprio país. O termo, tal como é cunhado por Volpe, diz respeito aos indivíduos *desexilados* ou marginalizados. Neste trabalho, portanto, é feita uma apropriação do termo para referir-se a um sentimento parecido, decorrente das ordens específicas do trabalho público, presente nos personagens do período *oficinesco* da produção Benedettiana.

⁵¹ VOLPE, M. L. *Mario Benedetti: um intelectual latino-americano*. In: VIII Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), 2002, Belo Horizonte. Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada). Belo Horizonte : UFMG/ABRALIC, 2002. v. 1. p. 1-10.

tratando-se de Benedetti é seguro afirmar que este tom coloquial se estende a senão todos, muitos dos gêneros por ele percorridos. O próprio autor afirmou em entrevista⁵² que a simplicidade e a clareza da linguagem se converteram em uma obsessão para ele, e tais características são notáveis também dos romances neste trabalho estudados.

A linguagem própria, pela qual se comunicam seus personagens, especialmente nestes quatro romances, se constitui, ainda, como um instrumento fundamental para que Benedetti logre trabalhar as constantes temáticas apresentadas acima. Observa-se nos quatro romances a presença de uma metalingüística que fortalece a reflexão, sempre presente, sobre a identidade dos personagens, de tal forma que esta reflexão estabeleça uma relação de quase dependência com o uso da linguagem típica de Montevideu (variante da língua espanhola). Para entender como isso se dá é necessário ter em mente que a língua espanhola possui suas variantes, sendo algumas delas tão bem demarcadas que, muitas vezes, o uso de uma em detrimento de outra faz com que os falantes espontaneamente relacionem o indivíduo a seu local de origem⁵³. É o caso da variante falada pelos Montevideanos (os reais e os Benedettianos), típica da região do *Rio de la Plata* (Argentina, Uruguai e Paraguai) que tem como característica a ocorrência de um fenômeno lingüístico chamado *voseo*. Nessa região (e também em algumas outras regiões da América Latina) os falantes utilizam o pronome de tratamento *vos*, em detrimento do *tú* (utilizado na Espanha), para referir-se à segunda pessoa do singular. As formas verbais do presente usadas com *vos* são similares ao infinitivo:

“-Lo **ves**⁵⁴? Tengo alergia a las playas invernales.

- ¿**Querés** que te preste un saco de lana?

-No, también soy alérgico a la lana (...)¿O ya no **te acordás**?”⁵⁵

Esta é a linguagem materna de Mario Benedetti e também a de seus personagens, tanto daqueles que nunca deixaram sua vida média na capital do Uruguai (recorrentes no primeiro momento), quanto daqueles que (con)viveram uma outra variedade (recorrentes no segundo momento). O emprego desta variedade cria uma tensão entre linguagem e identidade, que nos romances “Primavera con una esquina rota” e “Andamios” aumenta, uma vez que passa a figurar

⁵² MARTINEZ, Ezequiel. Benedetti, el escritor. **Clarín.com**. Argentina, 2001. Disponível em: <<http://www.clarin.com/diario/especiales/benedetti/>>

⁵³ É importante ressaltar que comumente, a nível de simplificação, é feita uma distinção geral entre o espanhol europeu e o espanhol americano, porém existem diferenças lingüísticas entre os próprios países da América Latina (o fenômeno *voseo* a ser discutido é uma delas), bem como entre as diferentes regiões da Espanha.

⁵⁴ Algumas formas, como a do verbo *ver*, são iguais às formas conjugadas em *tú*: “El paradigma verbal propio de la norma culta está constituido por formas voseantes con reducción del diptongo en el presente de indicativo (*cantás, comés, vivís*), por las formas voseantes propias del imperativo (*cantá, comé, viví*) y por formas tuteantes para el resto de los tiempos verbales”. In: **Diccionario panhispánico de dudas**. Madrid: Santillana, 2005. Disponível em : www.rae.es

⁵⁵ BENEDETTI, Mario. *Andamios*, Madrid: Alfaguara, 1997.P.18

como reflexão na voz dos próprios personagens ajudando-os, dessa maneira, a construir a sua própria identidade, como visto no estudo de cada um dos romances separadamente. No primeiro romance citado, por exemplo, a filha do personagem exilado, Beatriz, é uma criança que está descobrindo o mundo e a linguagem aos poucos e dentro de um contexto difícil de assimilar, já que sente a falta do pai nos pequenos detalhes de sua infância e não entende as razões pelas quais ele não está presente. Neste processo de conhecimento da própria identidade (afinal que país é aquele, que conhece tão pouco, do qual ela e seus pais vieram? Em que medida esta terra onde vivem agora é a sua casa?) ela busca diferenciar o Uruguai da terra que “não é a sua” e, para isso, a comparação lingüística é crucial e ocorre em reflexões simples e recorrentes, como a seguinte: “en mi país hay cabayos y aquí en cambio hay cabaios”⁵⁶, diz, referindo-se à distinção entre o sotaque uruguaio (“ll” com som de “y”) e o sotaque espanhol (“ll” com som de “i”).

A língua também pode ser notada como mais um paradoxo presente nos romances. Ela pode ser libertária, como para Santomé, em “La trégua”, que encontra na escrita, ainda que contaminada pelo seu funcionalismo público, uma fuga, um desabafo, um território propício para fazer algo que a mecanicidade de seu trabalho não permite: refletir sobre os sentimentos. Também é através da linguagem de suas cartas que Santiago, de “Primavera...”, atravessa os muros da prisão e chega até aqueles que estão distantes. Porém, a língua materna é uma amarra à qual Juliska, de “La borra del café” e Javier de “Andamios” estão submetidos, na sua condição de estrangeiros. A iugoslava tem marcada em sua fala o fato de que não é dali, de que em suas raízes existe a gramática de uma língua totalmente diferente daquela. Para Javier, a linguagem por ele falada, ainda que similar a falado na Espanha, demonstra que, mesmo vivendo durante tanto tempo neste outro país, manteve o uso da variante montevideana (talvez por nunca abandonar a idéia, incerta, de que voltaria a seu país). Essa linguagem própria insistia em lembrar-lhe, e denunciar para os outros, que não era àquela terra que ele pertencia, constituindo-se como uma espécie de barreira para sua integração completa à outra cultura. A demarcação da existência de uma variedade típica uruguaia também tem significado para o leitor, enquanto mais um elemento que chama a atenção para a questão do pertencimento e o ajuda a realizar sua própria interpretação acerca da condição do personagem.

Por fim, outra forte característica comum aos quatro romances é a presença de temas políticos, ainda que em alguns seja mais explícito que em outros. O crítico Ángel Rama, em seu ensaio “La riesgosa navegación del escritor exiliado”⁵⁷, reflete sobre a responsabilidade política e

⁵⁶ RAMA, ÁNGEL. La riesgosa navegación del escritor exiliado. In: *Nueva sociedad*. No.35, Março-Abril.1978.

⁵⁷ “puede decirse que tampoco la conmixti3n del escritor y el político ha sido siempre feliz. Parecería que tanto a unos como a otros les debemos similares cuotas de equivocaci3n y de acierto, y aún podría agregarse que los escritores puestos a políticos, fueron muchas veces malos escritores y malos políticos simultáneamente. Distinta es la situaci3n de

social que possui o escritor e afirma que poucos são aqueles que foram felizes ao estabelecer a ponte entre política e literatura e que, aqueles que o foram, construíram grandes obras justamente por restringir-se à sua condição de escritor, abordando o assunto sem grandes pretensões. Esta pode ser uma boa descrição da maneira como o faz Benedetti, um escritor que assumiu em entrevista que um dia chegou à conclusão de que “podia ter uma incidência política muito maior através da literatura⁵⁸”, algo facilmente notado durante a leitura de seus textos. Ele não acreditava que pudesse provocar mudanças no cenário político em si e, assim, não se dedicava à escritura como alguém que pretende alcançar este objetivo, mas tinha em mente que seus textos eram uma forma de falar ao seu povo e revelar às pessoas coisas que elas não haviam pensado até então, mais um elemento que justifica a opção pela linguagem simples:

[el intelectual] no puede cambiar nada. Yo no recuerdo ninguna revolución que se haya ganado con un soneto, por ejemplo [...] Tal vez algún raro personaje de la dirigencia política puede venir un día y decir: "Con estos tres versos me aclaraste este tema", y yo con eso puedo sentirme más que satisfecho. [...] Uno escribe para esclarecer la mente de un individuo, del ciudadano de a pie. Además, es una cuestión de conciencia. [...] No me siento derrotado en cuanto a mis creencias ideológicas y voy a seguir luchando por ellas. Sin éxito, eso sí⁵⁹

Pensando uma nova divisão dos momentos propostos pela crítica

“La borra del café” é o primeiro romance escrito após a volta de Benedetti ao Uruguai e nota-se que, talvez porque não estivesse ainda preparado para escrever diretamente sobre a volta do exílio, Benedetti opta por escrever algo diferente do que vinha produzindo nos anos em que esteve exilado e faz um livro de memórias, de alto teor autobiográfico, sobre o descobrimento daquela cidade que, em sua vida pessoal, está re-descobrando no ano em que escreve o romance. Porém, como não poderia deixar de ser, figuram nesta obra questões sobre identidade e pertencimento relacionadas também com a condição do exilado, o que mostra que os anos fora do país mudaram algo em sua produção, já que em “La tregua” tais temas ainda não são explícitos.

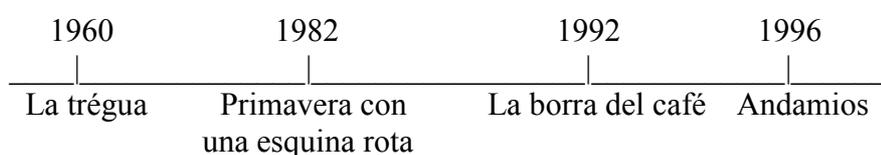
aquellos escritores que no aspiraron a transformarse en políticos, sino que entendieron que su situación en el contexto de la sociedad les imponía una atención por la vida de su comunidad y una participación (más educativa que de dirigente partidista) en sus vicisitudes. No abandonaron sucampo específico, pero reconocieron que éste no es ajeno a la realidad social”. In: RAMA, ANGEL. La riesgosa navegación del escritor exiliado. In: *Nueva sociedad*. No.35, Março-Abril.1978. pp.5-15.

⁵⁸ Frase de Benedetti em entrevista ao jornal El Clarín, como parte de um especial pelos 80 anos do autor. In: In: MARTINEZ, Ezequiel. Benedetti, el escritor. **Clarín.com**. Argentina, 2001. Disponível em: <http://www.clarin.com/diario/especiales/benedetti/>

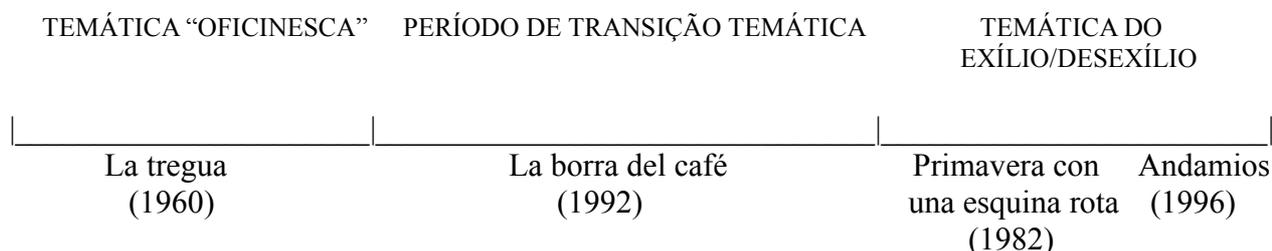
⁵⁹ *Idem*

Sendo assim ao levar-se em conta produções também do chamado segundo momento, como “Primavera con una esquina rota” e “Andamios”, nas quais ocorre que o exílio político é tema central e explícito, é possível classificar “La borra del café”, romance no qual isto não ocorre, como uma obra de transição (temática e não cronológica) entre os dois períodos da produção Benedettiana. É possível pensar, portanto em uma divisão em três, e não dois, períodos temáticos: o chamado *oficinesco* (“*La tregua*”), o período de transição ao qual pertence “La borra del café”, e o período no qual a temática se volta explicitamente para as questões relacionadas ao exílio e desexílio (“Primavera con una esquina rota” e “Andamios”):

ROMANCES DISPOSTOS EM ORDEM CRONOLÓGICA



ROMANCES DISPOSTOS A PARTIR DE SEUS PERÍODOS TEMÁTICOS



É importante esclarecer que esta nova divisão temática se apresenta apenas como consequência de este trabalho, inicialmente, haver partido de uma divisão proposta pela crítica. Considera-se que o fato de este trabalho haver partido da existência de uma idéia que divide a obra de Benedetti em dois períodos distintos, torna necessário um posicionamento diante desta informação, já que foi ela que guiou a escolha dos romances. A re-divisão, portanto, se apresenta ao final deste estudo menos como uma nova proposta de enquadrar os romances em blocos e mais como um representativo de que as obras de Benedetti não se distanciam tão significativamente entre si, algo que inicialmente não era objetivado, mas que naturalmente foi sugerido pelo próprio estudo das obras. De forma alguma se considera que esta nova divisão seja necessária para a interpretação neste trabalho defendida de que os personagens estão sempre fatalmente submetidos a amarras, às fronteiras invisíveis e visíveis. Porém é inegável que o conhecimento do contexto de produção, do contexto biográfico e da trajetória dos romances do autor forneça um considerável embasamento para a interpretação das obras da maneira como aqui foi realizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTOLA, María Gracia Nuñez. Un paradigma de propuesta crítica: El país de la cola de paja. *Espetáculo Revista de Estudios Literarios*. 2004.

BENEDETTI, Mario. *Sobre Artes y Oficios*, Montevideo: Alfa, 1968

_____. *La Tregua*, Madrid: Cátedra, 1989.

_____. *Cuentos Completos*, Madrid: Seix Barral, 1994.

_____. *Andamios*, Madrid: Alfaguara, 1997.

_____. *A Borra do Café*, Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. *Primavera con una esquina rota*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

COUTO, José Geraldo. *Antonio Candido fala sobre suas obras e a relação com outros escritores*. In: *Folha de São Paulo, Ilustrada*, 28/05/2002

CONTERIS, Hiber. Exilio, “desexílio” y “desterritorialización” en la narrativa de Mario Benedetti (1973-1999). *Contracorriente*, V. 4, N. 1, 40-66, 2006.

CRUZ, Juan. Entrevista: Feria Del Libro de Madrid - La melancolía de Benedetti. In: *El País*, 24/05/2008.

GILIO, María Esther. Entrevista a Mario Benedetti. *Revista Brecha*. 2008.

MALBERG, Bertil. *La América hispanohablante: unidad y diferenciación del castellano*. Madrid: Istmo, 1966

MARTINEZ, Ezequiel. Benedetti, el escritor. In: *Clarín.com*. Argentina, 2001. Disponible em: <http://www.clarin.com/diario/especiales/benedetti/>

MARTÍNEZ, Sanjuana. *Entrevista con Mario Benedetti*. In: *Babab.com: Revista de Cultura*, nº 01, Noviembre, 2007.

NOGAREDA, Eduardo, *"Introducción" a Mario Benedetti, La tregua*, Madrid: Cátedra, 1989.

PACHECO, José Emilio. *"Prólogo" a Mario Benedetti, Cuentos completos*, Madrid, Seix Barral, 1994.

RAMA, ÁNGEL. La riesgosa navegación del escritor exiliado. In: *Nueva sociedad*. No.35, Março-Abril.1978. pp.5-15

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA **Diccionario de la lengua española**, 22ª ed. Madrid: Santillana, 2001. Disponible em: www.rae.es

_____. **Diccionario panhispánico de dudas**, 1ª ed. Madrid: Santillana, 2005. Disponível em : www.rae.es

ROFFÉ, Reina . *Entrevista a Mario Benedetti*. Cuadernos Hispanoamericanos. nº 597, Março, 2000.

SALINAS, Mónica. *El espíritu crítico de Mario Benedetti*. Reportajes de la Universidad de Montevideo. Junho, 2009.

VOLPE, M. L. *Mario Benedetti: um intelectual latino-americano*. In: VIII Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), 2002, Belo Horizonte. Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada). Belo Horizonte : UFMG/ABRALIC, 2002. v. 1. pp. 1-10.

_____. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

_____. Escrever o exílio: uma forma de autobiografia. In: Simpósio Internacional: *Escrever a vida*. Universidade de São Paulo, 2005

_____. *O Jogo da memória e o esquecimento nas geografias do exílio*. In: *Contracorriente* Vol. 3, No. 2, Invierno 2006, pp. 34-50

APÊNDICE

MARIO BENEDETTI NA IMPRENSA BRASILEIRA

Introdução e Objetivos

Esta pesquisa foi realizada como atividade da disciplina TL211C - Pesquisa I: Literatura e Imprensa, de forma a atender a proposta de escolher um autor, de preferência hispano-americano e realizar um levantamento do que já havia sido publicado sobre ele na imprensa. Dessa forma a realização deste trabalho foi visto como uma oportunidade para verificar a afirmação de que Mario Benedetti é pouco conhecido no Brasil em relação ao que é em demais países da América Latina, afirmação esta que se notou recorrente em muitos dos textos lidos durante a pesquisa de Iniciação Científica, cujo trabalho “Mario Benedetti e as fronteiras (in)visíveis: a imposição dos limites na trajetória dos romances do autor” é fruto. Portanto, este trabalho foi realizado de maneira independente da monografia apresentada anteriormente. Reconhece-se que a pesquisa apresentada neste apêndice foi realizada submetida a uma restrição muito grande do corpus e de maneira a atender a proposta de um trabalho final de disciplina e não de propriamente complementar as afirmações contidas no trabalho monográfico. Porém considera-se que este levantamento se constitui como um esboço sobre a recorrência do nome de Benedetti na imprensa brasileira e sua relação com o público leitor no Brasil e, dessa forma, se torna um ilustrativo da justificativa do trabalho monográfico ao qual se anexa. É importante ressaltar, ainda, que este trabalho foi realizado em parceria com Juliane Karen Barbosa, na ocasião também graduanda em Letras pela Unicamp.

Diante dos dados que comprovam o sucesso do autor em outros países, tanto por parte do público, quanto por parte da crítica, surgem questões sobre o quão conhecido Benedetti é no Brasil: Em que medida este país, que tem se mostrado cada vez mais interessado pela literatura produzida por seus vizinhos, explora a existência deste autor que não passa despercebido em outros países e que, além da fama, possui uma qualidade literária reconhecida? Qual o perfil dos poucos leitores de Benedetti no Brasil? Qual o perfil das pessoas que falam sobre ele? O que é falado sobre ele? Responder, ou ao menos se aproximar das respostas para essas questões é o objetivo maior desta breve pesquisa.

Corpus

Para responder a essas perguntas, este trabalho se propõe a apresentar um levantamento de matérias, que levam o nome de Benedetti, já publicadas na imprensa brasileira. Para isso foi seguido um recorte que restringiu a escolha do corpus que dividiu as matérias, em quatro grupos: 1) Principais jornais de circulação nacional (*Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*); 2) Revistas destinadas a um público intelectualizado (*Piauí*, *Bravo!*, *Cult*); 3) Revistas destinadas ao público da área de Letras e Literatura (*Língua portuguesa*, *Entre Livros*); 4) Revistas para público geral (*Veja*, *Isto é*, *Caros amigos*).

A escolha das revistas e jornais onde as matérias seriam buscadas foi feita tendo em vista os títulos de maior alcance do público alvo a que se destinam no país e escolhidas anteriormente à fase de pesquisa das matérias em si. A busca dessas matérias foi feita via internet, nas páginas eletrônicas oficiais de cada jornal ou revista, onde é possível ter acesso aos números publicados anteriormente. Diante disso, não foi feito nenhum recorte de datas, porém, o recorte acabou sendo traçado pela própria possibilidade de acesso aos números anteriores dos jornais e revistas, ou seja, foram pesquisados os números disponíveis no acervo eletrônico de cada uma delas. Outro ponto a ser destacado é o de que em alguns casos só foi possível o acesso ao título da reportagem em questão e não à reportagem na íntegra. Além disso, alguns dos veículos escolhidos como fonte de pesquisa não possuíam acervo eletrônico e, por isso, foram descartados da análise. São eles: Revista Piauí e Revista Bravo!.

Foi feita também a opção por não incluir revistas e periódicos acadêmicos no corpus já que, como dito anteriormente, a proposta do trabalho é justamente verificar o alcance geral do autor e sua obra no Brasil. Esse alcance geral que pretende ser verificado tem como base o que pode ser observado sobre os autores latino-americanos mais conhecidos no Brasil⁶⁰ cujo conjunto de artigos que demonstram conhecimento e abordagem de temas relacionados às suas obras em nosso país independe das revistas acadêmicas para existir.

Análise do Corpus

Com a divisão inicial do corpus, foram estabelecidos quatro tipos de material da imprensa a serem pesquisados. Como a própria existência da divisão deste material pressupõe, era esperado encontrar diferenças quanto às matérias neles apresentados, porém, de uma maneira geral as reportagens em todos os veículos seguem uma constante quanto ao tipo de reportagem, o que permitiu que elas fossem divididas da seguinte maneira:

⁶⁰ Estes autores que conquistaram o maior número de leitores brasileiros, em geral, são aqueles que tiveram suas obras amplamente divulgadas e altamente vendidas (não apenas no Brasil mas também na Europa e Estados Unidos) na época do *boom* da literatura latino-americana, na década de 60.

- matérias que apenas citam o nome autor.
- anúncio de lançamento de livro/versão traduzida de livro.
- entrevista com o autor.
- reportagens sobre a vida pessoal/ social: prêmios que ganhou, estado de saúde, atos sociais.

O maior número de matérias encontradas, tanto nas revistas quanto nos periódicos, são aquelas que apenas citam o nome de Mario Benedetti. Comumente o assunto principal diz respeito a algum autor (na maioria das vezes latino-americano e de nome amplamente conhecido) ou algum prêmio literário, no qual Benedetti figura entre o nome daqueles que já o venceram alguma vez. Isso demonstra que, apesar de Benedetti na maioria das reportagens não ser o foco principal, ele existe para nós como autor latino-americano e, ainda, um autor que vale ser citado, segundo o conhecimento daqueles que produzem essas matérias. Sobre os prêmios literários conclui-se que desempenham alguma importância no papel de difusão do nome do autor mundialmente e, também, em nosso país.

O tipo de matéria que mais aparece em segundo lugar são aquelas nas quais a revista ou o jornal informa: o lançamento próximo de mais um livro do autor a nível nacional ou internacional; a indicação de um livro já lançado anteriormente; ou o lançamento de edição traduzida para o português de alguma obra do autor. Isso demonstra que há um número considerável de leitores de Benedetti no Brasil, sendo alguns deles pessoas da área, que são aquelas que escrevem as reportagens indicando seus livros. Além disso, há também uma parte considerável de “leitores comuns”, que são aqueles que compram, ou seja, os consumidores dessa literatura, que fazem valer a pena o investimento das editoras no lançamento dos livros do autor.

As reportagens mais longas, em que Benedetti é o assunto central, se constituem de entrevistas com o autor, seguidas ou antecedidas de comentários elogiosos sobre sua obra e dados biográficos e vendagem de seus livros no Brasil e/ou no mundo. Esse tipo de reportagem aparece com maior incidência nos grandes jornais e figura em um único número da revista *Entre Livros*, em um espaço destinado a um autor escolhido mensalmente. Em todas as reportagens a mescla entre vida pessoal e obra aparece muito evidente, já que este é um traço a ser ressaltado na produção do autor e demonstra conhecimento por parte do entrevistador. Aqui devemos ressaltar o fato de que algumas dessas entrevistas, assim como uma quantidade considerável de outras reportagens com informação sobre o autor, provém de traduções de publicações em jornais de língua espanhola. Porém, também encontramos poucas entrevistas concedidas por Benedetti por telefone a repórteres brasileiros.

Por fim temos as reportagens que tratam sobre a vida pessoal e social do autor, que foram encontradas somente nos jornais, dentre o material analisado. São matérias normalmente pequenas

que trazem notícias sobre um prêmio recebido pelo autor (como é o caso do prêmio **Menéndez Pelayo**, que foi noticiado pelos dois jornais), sobre algum problema de saúde ou até mesmo alguma declaração ou ato público que teve reflexo no panorama mundial. Essas reportagens são importantes, pois demonstram um interesse não só pela literatura de Mario Benedetti, mas também por sua figura pública. Podemos pensar que esse interesse é consequência, na verdade, de um interesse anterior estrangeiro que se reflete aqui no país. Como exemplo disso é possível analisar a própria divulgação do prêmio **Menéndez Pelayo** ganho por ele, que não é uma premiação significativa no Brasil, sim em outros países, e, no entanto, mereceu a divulgação em dois dos nossos jornais de maior circulação.

No corpus escolhido para a realização da pesquisa três revistas não continham dados significativos sobre Benedetti, foram elas *Veja*, *Caros Amigos* e *Língua Portuguesa*. Na revista *Veja*, foi encontrada apenas uma citação do nome do autor dentro de um contexto pouco comum, uma reportagem sobre um seqüestrador internacional, na qual ele figurava como um dos autores que o criminoso apreciava. Nas demais, não foi encontrada nenhuma referência ao autor uruguaio.

Conclusões

Diante da análise do material reunido na imprensa foi possível obter um panorama geral do conhecimento que há sobre o autor em nosso país e responder, assim, às questões que motivaram esta pesquisa. Para isso, traçamos aqui algumas considerações.

O primeiro dado que chamou a atenção foi o número de reportagens encontradas na imprensa voltada ao público em geral, em especial nos jornais, que superou a expectativa inicial. Era esperado encontrar mais matérias sobre o autor em revistas destinadas a um público específico, supostamente formado por leitores mais freqüentes de obras literárias, em detrimento dos jornais, que atingem um público mais generalizado. As revistas específicas surpreenderam por conter apenas (com exceção da entrevista que há na *Entre Livros*) indicações de obras literárias do autor. A importância dessa quantidade maior de reportagens sobre o autor em jornais de grande circulação é saber que o acesso a ele é menos restrito do que o suposto no início do trabalho, concluindo assim que o público leitor (ou os potenciais leitores) de Benedetti pode ser formado não apenas por leitores da área, mas também o público em geral.

O segundo ponto interessante a ser ressaltado é o reconhecimento do autor no nosso país. Ao analisar o material do corpus, se torna claro que há uma diferença grande entre o reconhecimento de autores como Gabriel García Márquez e Jorge Luis Borges (recorrentes no corpus analisado), para Mario Benedetti. No entanto o uruguaio não costuma ser esquecido ou desmerecido quando o assunto é “grandes autores latino-americanos” ou “autores importantes da década de 45”. Em

entrevistas ou reportagens que trazem informações sobre suas ações públicas se encontram também frases de conotação positiva em relação a sua pessoa e sua obra. Assim, é importante frisar que mesmo não despertando o mesmo interesse que outros autores latino-americanos consagrados no Brasil, seu talento e seus livros são sempre objetos de elogios e de congratulações.

Para a imprensa estrangeira, Benedetti é um autor de grande importância literária e devido a esse reconhecimento as matérias, os estudos e as entrevistas sobre ele existem em quantidade considerável. No Brasil sua repercussão na imprensa não pode ser comparada à estrangeira, pois se dá em escala muito menor. Nota-se que a influência que a nossa imprensa recebe da estrangeira ajuda a divulgar o nome de Benedetti no país e isso se torna evidente na incidência de reportagens do corpus que possuem referência ao autor, e que foram extraídas ou influenciadas por notícias publicadas em jornais estrangeiros.

Enfim, a impressão que fica é que Benedetti ainda dá os primeiros passos no Brasil e que nada impede que ele chegue a ser tão reconhecido aqui quanto lá fora. Uma hipótese que pode explicar a razão de o autor receber uma menor atenção na imprensa brasileira em relação a outros autores latino-americanos pode ser levantada a partir do estudo de sua obra, que denuncia o fato de esta caracterizar-se pela abordagem de temas cotidianos de uma maneira realista, e não explorar tanto o fantástico e outros elementos do chamado *realismo mágico*, característico da obra do conjunto de autores mais veiculados no período do boom da literatura latino-americana. Dessa maneira, Benedetti talvez não tenha tido seu nome e seus livros tão comercializados em um período importante que, a partir de uma jogada de marketing, a maioria dos autores latino-americanos lidos até hoje se tornaram sensação no Brasil.

O desconhecimento de Benedetti no Brasil, ou melhor, o pouco (mas existente) conhecimento sobre ele em nosso país, não se caracteriza, portanto, como algo negativo, uma vez que se dá devido mais à falta de divulgação que por uma rejeição à sua obra (que, aliás, não foi em nenhum momento identificada). Este trabalho prova, por fim, que Benedetti possui, sim uma qualidade literária reconhecida no Brasil (ainda que por uma quantidade relativamente pequena de leitores) e representa uma área da literatura de nossos vizinhos na qual, ainda, muito há para ser explorado.

RELATÓRIO DE REPORTAGENS RELACIONADAS À “MARIO BENEDETTI” NA IMPRENSA BRASILEIRA

PRINCIPAIS JORNAIS DE CIRCULAÇÃO NACIONAL

ESTADO DE SÃO PAULO

Matérias em que Benedetti é citado:

Vargas Llosa é nomeado presidente da Biblioteca virtual Miguel de Cervantes
(<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2002/not20020627p2438.htm>)

Premiado poeta chileno Nicanor Parra
(<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2001/not20010611p3539.htm>)

O que acontece se a arte vira produto, mera mercadoria?
Sobre a adaptação de textos literários para o teatro feito por um grupo específico. Benedetti está entre esses textos. (http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080118/not_imp111164,0.php)

Matérias que tratam diretamente sobre o autor:

Mario Benedetti lança novo livro de poemas
Data: 15 de março de 2001
Traz informações sobre o autor. Cita: *Poemas de la oficina* e *La tregua*.
(<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2001/not20010315p3357.htm>)

Mario Benedetti anuncia novo livro
31 de Dezembro de 2000
Anuncia o lançamento do livro *El mundo que respiro*, que foi noticiado depois pelo jornal. É explicitamente uma síntese de uma notícia publicada no mesmo dia pelo jornal uruguaio *La Republica*. (<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2000/not20001231p2934.htm>)

Uruguaio faz um mosaico de estados da alma
03 de Fevereiro de 2008
Sobre o livro *Correio do Tempo* (http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080203/not_imp118983,0.php)

Mario Benedetti ganha prêmio de literatura espanhola
7 de Junho de 2005
Anuncia que o autor foi vencedor do prêmio Menéndez Pelayo daquele ano, fornece breves dados biográficos e cita os romances traduzidos para o português.
(<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2005/not20050607p3378.htm>)

Entrevista com Mario Benedetti
27 de Março de 2007
Sobre o romance *La Trégua* e o papel da literatura para o autor e para a sociedade.
(<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2007/not20070327p1154.htm>)

FOLHA DE SÃO PAULO

Matérias em que Benedetti é citado:

Velocidade da web causará perda de memória, diz Umberto Eco
(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u400939.shtml>)

Juan Gelman diz que prêmio Cervantes é um grande estímulo
(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u349939.shtml>)

Espanha anuncia hoje ganhador do Prêmio Cervantes
(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u349685.shtml>)

Poeta peruana recebe prêmio Rainha Sofia na Espanha
(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u70993.shtml>)

Chico Buarque assina declaração sobre soberania cubana
(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u63382.shtml>)

Matérias sobre reedições ou novas edições de livros de Benedetti:

Gracias por el Fuego
Seção Vitrine. Indicação do livro *Gracias por el fuego*.
(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1208200613.htm>)

Obra de Benedetti traz melancolia uruguaia
Indicação do livro *A trégua*. (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3103200715.htm>)

Mario Benedetti lança olhar derradeiro sobre seus escritos
Indicação do livro *Correio do Tempo*
(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1901200815.htm>)

Matérias que tratam diretamente sobre o autor:

* *Mario Benedetti recebe o Prêmio Internacional Menéndez Pelayo*
07 de Junho 2005
Sobre o prêmio ganho pelo autor “em reconhecimento a sua trajetória literária e "a seu compromisso com o humano em sua concreta circunstância histórica”
(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51170.shtml>)

* *Escritor uruguaio Mario Benedetti se recupera gradualmente em UTI*
14 de Janeiro de 2008. (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u363387.shtml>)

* *Sem marketing, Mario Benedetti autor é clássico nas sombras*
03 de Fevereiro de 2001
Sobre o desconhecimento de Benedetti no Brasil, da importância do marketing e do bom número de vendas de suas obras no país. (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u10034.shtml>)

* *Novo livro de Mario Benedetti sai em Março no exterior*
03 de Fevereiro de 2001
Entrevista com o autor feita por telefone pelo próprio jornal brasileiro.
(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u10033.shtml>)

* *Escritor Mario Benedetti critica Saramago sobre Cuba*
Reportagem curta sobre a declaração dada por Benedetti sobre um incidente em Cuba.
(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u32290.shtml>)

* *Literatura: desaparece 1º livro de Benedetti no Uruguai*

02 de junho de 2007

Matéria sobre o desaparecimento de dois exemplares raros da Biblioteca Nacional do Uruguai.
(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0206200733.htm>)

REVISTAS DESTINADAS A UM PÚBLICO ESPECÍFICO – ÁREA DE LETRAS E CULTURA **REVISTA CULT**

Matérias que falam diretamente sobre o autor:

*Título: *Um amor de outono*

Seção: Seleção Cult Livro

Indicação do romance *A Trégua*. (<http://revistacult.uol.com.br/website/cultLivro/show.asp?edtCode=88FCF0BA-3186-4D61-83DE-2158DDF7057F&nwsCode={A62C5F28-BAD3-4AD5-8584-BE4EDF095E93}>)

*Título: *Pequenas Tragédias*

Seção: Seleção Cult-Livro

Indicação do romance *Correio do Tempo*

(<http://revistacult.uol.com.br/website/cultLivro/show.asp?edtCode=3F5C0A0E-F731-42AA-AC32-4399855F0D25&nwsCode={4F99C93E-E3A8-4206-B0A2-8ACDA5C2F396}>)

*Título: *O uruguaio Mario Benedetti fala de sua literatura e da política em seu país*
Edição 95.

ENTRE LIVROS

Matérias em que Benedetti é citado:

*Título: *Os escritores do boom latino-americano*

Edição 22 – Dossiê sobre Gabriel García Márquez .

Texto sobre o realismo mágico e o boom da literatura latino americana.

Matérias que tratam diretamente sobre o autor:

**Entrevista com Mário Benedetti: A escritura é um abrigo – por Juan Cruz*

Ano 3, nº25. Edição de Maio.

Seção fixa na revista na qual todo mês um autor contemporâneo é escolhido para ser entrevistado.

REVISTAS DE CIRCULAÇÃO NACIONAL

ISTO É

Matérias que tratam diretamente sobre o autor:

* *Moderno ainda hoje, o primeiro romance do uruguaio Mario Benedetti ganha edição em português*

Sobre a tradução em português do primeiro livro do Benedetti, *Quem de nós*.

(<http://www.terra.com.br/istoegente/edicoes/429/artigo66442-1.htm>)

*Em cartaz

Seção com as indicações da semana, sendo uma delas o lançamento do livro *Quem de nós*, de Mario Benedetti. (<http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/1982/artigo64536-1.htm>)